



SÓCRATES FERIDO

BERTOLT BRECHT

Introdução, notas e tradução alemão — galego-português
José André López González (André Da Ponte)

UMA INTRODUÇÃO A BERTOLT BRECHT

Penso que foi, se não estou enganado, o escritor e tradutor espanhol Miguel Sáenz Sagaseta de Ilúrdos quem uma vez dissera, a respeito de Brecht, que foi o mais importante dramaturgo universal após morrer William Shakespeare. Vindo dele faz-se muito difícil retrucar esse asserto. Não estou persuadido de o dito ser puro e simples exagero ou cabe uma firme certeza. Deixemos o conto assim sem irmos para maiores delineamentos.

Acredito, não obstante, caros leitores, que vale a pena dizer algo, tanto no que diz respeito ao grande escritor alemão como no tocante a esta obra que a seguir proponho para a vossa leitura (leitura que já vo-lo adianto de antemão, é, ou pelo menos a mim parece-mo, deliciosa).

Eugen Berthold Friedrich Brecht nasceu em Augsburg¹, no estado livre da Baviera, em 10 de fevereiro de 1898, poucos dias antes de falecer o autor de *Alice's Adventures in Wonderland* e *The Game of Logic*, o escritor, lógico, fotógrafo e matemático, reverendo Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudónimo de Lewis Carroll. O nosso dramaturgo, poeta, narrador e teórico teatral cresceu numa família da pequena burguesia num ambiente de relativa segurança económica. Seu pai, Berthold Friedrich Brecht (1869-1939), filho dum litógrafo de Baden Achern, que gozava de educação superior (completara aprendizado comercial), entrou a trabalhar em 1893 como empregado em Augsburg na fábrica de papel Haindl'sche que, na altura, contava com 300 trabalhadores só nessa cidade ascendendo rapidamente tornando-se em 1901 oficial e em 1917 diretor do departamento comercial. A mãe, Wilhelmine Friederike Sophie (1871-1920) era natural da Alta Suábia, em concreto de Wolfegg na Floresta Negra, vindo duma família de pequenos funcionários (o pai dela era chefe de estação no nó ferroviário de Rossberg).

Bertolt Brecht em 1904 começou a escola primária e em 1908 no Real Gymnasium da sua cidade natalícia. Tanto na escola primária quanto no Gymnasium obteve boas – para não dizer muito boas – qualificações. Paralelamente assistiu a aulas de piano, violino e guitarra, embora só o apaixonasse este último instrumento. De saúde frágil, desde muito novinho sofreu problemas cardíacos.

Durante a Primeira Guerra Mundial travou amizade com Caspar Neher² que trabalhou com o escritor como desenhista e cenógrafo e com o médico, escritor e folclorista Hanns Otto Münster³, afeições e simpatias que haviam de durar todo o seu tempo vital. Deste jeito desde muito cedo vai se evidenciar uma característica notável da sua visão da arte teatral: o trabalho colectivo e a ligação com outras artes tendo em mira a realização, quer dizer, a conexão necessária entre os desenhos dos cenários, a interpretação, os gráficos e a música⁴.

Também desde muito jovem começam as suas aventuras amorosas (haveriam ser tão copiosas!). Já na escola galanteou Rosa Maria Amann, jovem estudante que imortalizaria depois num poema que se tornou célebre pela sua intensa beleza: *Erinnerung an die Marie A.* (Lembrando a Maria A.), mas de caminho apareceu uma outra mulher perante seus olhos, Paula Banholzer⁵, a quem ele haveria de chamar sempre "Bi" (por Bittersweet [Agridoce] do drama do escritor francês Paul Claudel "A Troca").

Em março de 1917 foi mobilizado para a guerra e começou os estudos de medicina em Munique, ainda que prontamente patenteou pouco interesse por essa disciplina e decidiu-se por assistir a um seminário sobre literatura contemporânea que proferia o académico Artur Kutscher⁶. Foi neste seminário que ele haveria de conhecer ao letrista, escritor, dramaturgo e actor Franz Wedeind⁷, ao dramaturgo, romancista, crítico e jornalista Otto Zarek⁸ e ao também dramaturgo Hans Johst⁹. E, como sempre, as mulheres, as numerosas mulheres dentro da sua vida: a estudante de medicina Hedda Kuhn, que depois haveria de aparecer dentro dos seus poemas como "Ele". Também assiste à representação *Ambros Maria Baal* do escritor impressionista Andreas Thom¹⁰. Esta obra e a peça "O solitário" (*Der*

1 Hans Mayer (Colónia, 19 de março de 1907-Tubinga 19 de maio de 2001) na sua brilhante biografia (a obra do investigador literário da Vestfália é bastante mais do que uma simples narrativa vital do genial escritor, mas uma maravilhosa obra de crítica literária, teatral e estética) observou: "achava a sua cidade natal como a sua residência" (pág. 349)

2 Augsburg, 11 de abril de 1897 – Viena, 30 de junho de 1962.

3 Dieuze, Lorena, 28 de julho de 1900 – Munique, 30 de outubro de 1974.

4 "A arte teatral é para Brecht um complexo de criações: criam realmente todos na sua ação conjunta: o dramaturgo, o diretor, os actores, os iluminadores, maquiadores, maquinistas... e cria o público", introdução de Raúl Schiarreta a "breviário de estética teatral, pág. 9.

5 Markt Wald, 6 de agosto de 1901 – Augsburg, 25 de fevereiro de 1989.

6 Hannover, 17 de julho de 1878 – Munique, 29 de agosto de 1960

7 Nascido como Benjamin Franklin Wedekind, Hannover, 24 de julho de 1864 – Munique, 9 de março de 1918.

8 Berlim, 20 de fevereiro de 1898 – Berlim Occidental, 21 de agosto de 1958.

9 Seerhausen 8 de julho de 1890 – Ruppolding, 23 de novembro de 1978.

10 Nascido como Rudolf Csmarich, Viena, 11 de maio de 1884 – Mooskirchen, na Estíria, 25 de junho de 1943.

Einsame) de Christian Dietrich Grabbe¹¹ haveriam de inspirar-lhe o seu drama Baal. Por impacto no seu abalável espírito da horrível carnificina da Primeira Guerra Mundial nasceriam alguns dos seus poemas mais inspirados: Die Legende vom toten Soldaten (A lenda do soldado morto) e Lucifer Abenlied (A Canção da noite de Lucifer). Em outubro de 1918 e por mediado de seu pai é enviado para um hospital na retaguarda em Augsburg. Neste tempo escreve as célebres “Aos cavaleiros da estação D” (D por dermatologia, uma sala para enfermidades venéreas) e o folheto de canções Lieder zur Klampfe von Bert Brecht und seinen Freunden (Canções para a guitarra de Bert Brecht e os seus amigos).

Ao acontecer a revolução de novembro, que haveria provocar a abolição da monarquia do Reich alemão e a instituição da república parlamentar, adere ao Conselho de Obreiros e Soldados, porém sem ter uma actuação de marcado destaque dentro do quadro revolucionário. Em 9 de janeiro de 1919 é, definitivamente, licenciado do serviço militar. Por enquanto mantém um romance com Paula Banholzer e em janeiro de 1919 resultou que a rapaza, que apenas tinha na altura 17 anos, estava em gestação. O pai da rapaza não consentiu no casamento e enviou a moça para a aldeia de Allgäu, em Kimratshofen, onde deu à luz a Franz Banholzer em 30 de julho de 1919. Brecht, durante este tempo, escreveu um novo drama: Spartacus (depois titulado Trommeln in der Nacht [Tambores na noite]) ambientado no levante operário de Spartacus de 5 ao 12 de janeiro de 1919 e em fevereiro desse mesmo ano foi ver Lion Feuchtwanger¹² para lhe mostrar a primeira versão da obra. O influente crítico e romancista gostou imensamente dela e, a partir de aqui, converteu-se num dos mecenas mais importantes e duradouros do jovem escritor.

Depois do Kapp-Putsch¹³, em volta de dezembro, Brecht volta para Munique e conhece à cantante de ópera e actriz Marianne Josephine Zoff¹⁴. Com ela – que haveria se tornar a primeira das suas esposas – começa um novo romance sem ter terminado a relação com Paula Banholzer, todo adubado com tremendas brigas e escândalos com o outro amante da Zoff, Oscar Recht. Marianne Zoff fica engravidada mas sofre um aborto entretantes Brecht está escrevendo uma nova obra, Im Dickicht der Städte (Na selva das cidades) e uma série de roteiros para o cinematógrafo que não se venderam.

Entre novembro e abril de 1921 viaja para Berlim e é então quando travou relações com importantes vultos: o editor Erich Caesar Reiß¹⁵, o também editor e galerista Paul Cassirer¹⁶, actores como Alexander Granach¹⁷, Heinrich George¹⁸, Eugen Gottlob Klöpfer¹⁹, o dramaturgo austríaco Arnolt Bronnen²⁰ e o dramaturgo, diretor, jornalista e crítico teatral da Berliner Börsen-Courier (Mensajeiro da Bolsa de Berlim), Herbert Ihering²¹, ou seja, o escol da vida cultural de Berlim. Em finais de 1922 Brecht tem de ser internado no hospital de Berlim Charité para um tratamento de infecção renal.

Por enquanto, em Munique, vai se estreiar Tambores na noite sob o comando do diretor Otto Falckenberg²² peça que Brecht andou reescrevendo no verão desse ano. Os ensaios começaram em 29 de agosto de 1922 e a estreia em 29 de setembro. Feuchtwanger escreveu um elogioso artigo sobre Brecht no jornal Das Tage-Buch (O livro do dia); o Baal foi impresso por Kiepenheuer; O Deutsches Theater de Berlim dispôs a exibição de todas as obras teatrais de Brecht e é-lhe outorgado o Prémio Kleist dotado com a importante quantidade de 10.000 Reichsmarks. O êxito batia na sua porta. Durante os ensaios de Tambores na noite Marianne Zoff comunicou-lhe a Brecht que mais outra vez ficara em gravidez. Por fim, Brecht e a Zoff casaram em 3 de novembro desse ano em Munique. Em finais desse ano viu imprimida a obra Tambores na noite pela editorial Drei Masken Verlag, acrescentando na edição o poema A Lenda do soldado morto. Em março de 1923 é apresentado o filme surrealista Mysterien eines Frisiersalons (Mistérios dum cabeleireiro) sob a direcção de Erich Gustav Otto Engel²³ e protagonizado por Karl Valentin²⁴. Mas, nesses dias já negros nubarroões se levantavam sobre o povo trabalhador alemão. A segunda apresentação de Na selva da cidade viu-se

11 Detmold, 11 de dezembro de 1801 – Delmond, 12 de setembro de 1836.

12 Munique, 7 de julho de 1884 – Los Angeles, Estados Unidos, 21 de dezembro de 1958.

13 O Kapp-Putsch foi uma tentativa de golpe de Estado no início da República de Weimar entre 13 e 17 de março de 1920, chefiado pelo político Wolfgang Kapp e o general Walter von Lüttwitz com o objetivo de deitar abaixo o Reichspräsident (Presidente), o socialdemocrata Friedrich Ebert, visando a revogação do Tratado de Versalhes assinado com as potências vencedoras após o fim da Primeira Guerra Mundial.

14 Hainfeld, 30 de junho de 1893 – Viena, 22 de novembro de 1984.

15 Berlim, 1 de fevereiro de 1887 – Nova Iorque, 8 de maio de 1951.

16 Görlitz, 21 de fevereiro de 1871 – Berlim, 7 de janeiro de 1926.

17 Nascido Jessaja Gronach e a partir de 1912 Hermann Gronach, Werbowitz, distrito de Horodena, a leste da Galícia polaca, Austria-Hungria, 18 de abril de 1890 – Nova Iorque, 14 de março de 1945.

18 Nascido Georg August Friedrich Hermann Schulz, Stettin, 9 de outubro de 1893 – Campo especial de Sachsenhausen, Oraniemburgo, 25 de setembro de 1946.

19 Rauhen Stich bei Talheim, 10 de março de 1889 – Wiesbaden, 3 de março de 1950.

20 Nascido como Arnold Bronner em Viena em 19 de agosto de 1895 e falecido em Berlim Oriental em 12 de outubro de 1959.

21 Springe, 29 de fevereiro de 1889 – Berlim, 15 de janeiro de 1977.

22 Coblença, 5 de outubro de 1873 – Munique, 25 de dezembro de 1947.

23 Hamburgo, 14 de fevereiro de 1891 – Berlim, 10 de maio de 1966.

24 O seu nome real era Valentin Ludwig Fey (Munique, 4 de junho de 1882 - Munique, 9 de fevereiro de 1948).

atacada pelos nazistas com bombas lacrimogêneas e a obra deixou de ser representada após apenas seis encenações.

Nos meses que se seguiram tentou consolidar-se como diretor de teatro em Belim, sobretudo graças ao apoio de Walter Ullmann²⁵ e pretendeu, sem sucesso, representar a obra de Hans Henny Jahnn, Pastor Ephraim Magnus, que tinha obtido o prémio Kleist em 23 de agosto de 1923. A estreia resultou um completo fracasso, mas é durante este tempo que ele conheceu a atriz Helene Weigel²⁶ com quem haveria de começar uma relação de seguida.

Desde finais de 1923 todo o seu esforço foi dirigido para a direção do Munich Kammerspiele e junto com Lion Feuchtwanger, Bernhard Reich e Asja Lacsis²⁷ a edição de Edward II do escritor inglês da época isabelina Christopher Marlow, sob o título de Vida de Eduardo Segundo de Inglaterra (Leben Eduards des Zweiten von England). Fora o primeiro trabalho sob a sua direção que atingiu o êxito. Após muitas demoras a estreia da obra teve lugar em 19 de março de 1924. Em junho Kiepenheuer publicou a primeira edição com estampas de Neher, sob o nome de Brecht, embora na página duas nota-se: “Escrevi esta obra com Lion Feuchtwanger”. Em 8 de dezembro de 1923 Baal estreia-se em Leipzig, mas a peça resultou suspensa de encenação pelas veementes presões do concelho de Leipzig. Helene Weigel fica em estado de gestação em 1924 sem lhe contar o mais mínimo à sua esposa Marianne e partiu de férias para Capri – ainda se registra uma entrevista com Helene Weigel em Florença – e em junho volta para Berlim para se reunir com Kiepenheuer e apressar a publicação dum livro de poemas com o título Hauspostille (Piedade) que Kiepenheuer prometera publicar havia dous anos. De costas à sua esposa chega ao acordo com Helene Weigel para tomar posse dum apartamento em Berlim, facto que acontece em setembro de 1924.

Três anos mais tarde divorcia-se de Marianne Josephine Zoff e casa com Helene Weigel em 10 de abril de 1929. Brecht, já é profundamente e decididamente marxista²⁸, ainda que jamais haveria ficar ligado ao KPD²⁹. De maneira paralela começa, induzido por esse marxismo, desde 1926, a elaboração e teorização do teatro épico através de numerosos artigos de crítica teatral onde faz ver a sua firme oposição às obras burguesas alemãs e à forma de interpretação que se costumava. Destas reflexões vão nascer em 1930, Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny (Ascensão e queda da cidade de Mahagonny) em colaboração com Peter Suhrkamp³⁰ e, por outro lado, a influência que exercerá sobre ele o compositor Kurt Weill dará pé para a criação de várias obras dramáticas com música ajudando desse jeito à consolidação do teatro épico. A sua obra, que não ficou restrita apenas na produção teatral embora abrangeu poesia, canções, contos, romances e obras para o rádio tentou sempre que, por meio destes trabalhos, as estruturas sociais em conflicto ficassem transparentes e com capacidade de mudança. Para ele toda obra literária deveria ter, antes de mais nada, um valor de uso. A teorização assegurou-se quando publicou em 1927 Kurzen Bericht über 400 (vierhundert) junge Lyriker (Informe breve sobre 400 [quatrocentos] poetas jovens). Colaborando com Kurt Weill nasceram uma série de obras didáticas com música de vanguarda, entre elas Lindberghflug em 1929, a ópera Der Jasager em 1930, que haveria ser revista após discussões com os estudantes da Karl-Marx-Schule (Berlin-Neukölln) [Escola Karl Marx (Berlim-Neukölln)], Die Maßnahme (A medida) de 1930, a compilação poética já mencionada, Hauspostille, Die Dreigroschenoper (A Ópera dos Três Vinténs), com música de Kurt Weill estreada em 31 de agosto de 1928 no Theater am Schiffbauerdamm de Berlim, sem qualquer dúvida a obra de maior sucesso na República de Weimar. Neste ano conheceu o compositor Hanns Eisler que se voltaria o mais importante músico das suas composições poéticas e canções sendo que da amizade entre os dous artistas haveria despontar uma das mais relevantes associações poético-musicais do século XX.

Desde 1930 os nazistas empreendem uma perseguição das obras de Brecht. Em 1933 A Medida é interrompida pela polícia durante a posta em cena e os organizadores acusados de traição à pátria. Desde abril de 1933, Brecht é posto na “listagem negra” do nazi Wolfgang Herrmann³¹ e em começos do verão de 1933, Brecht foi privado da sua cidadania alemã. Em 28 de fevereiro, um dia após o incêndio do Reichstag em 27 de fevereiro de 1933, Brecht, a sua família e amigos partem de Berlim para o exílio. Deambula por Praga, Viena, Zurique, Carona, no cantão suíço de Tessino em companhia do escritor Kurt Held³² e sua esposa Lisa Tetzner³³ e Paris. Por convite da escritora Karin Michaëlis³⁴ vai para a pequena ilha de Thurø pertencente ao município dinamarquês de Svendborg Amt junto com a família. Em Paris cria a agência Deutscher Autorenendienst (Serviço do autor alemão) visando publicar autores

25 Viena, 5 de janeiro de 1898 – Paris, 5 de maio de 1949. Usou dos pseudónimos Dr. Jo Lherman (ocasionalmente também Joe ou Yo, com apelido Lhermann ou Lehrmann) e Dr. Gaston Oulmàn (também Oulman u Oullman).

26 Viena, 12 de maio de 1900 – Berlim, 6 de maio de 1971.

27 Asja Anna Ernestowna Lācis, nascida Liepiņa (Līgatne, Letónia, 19 de outubro de 1891 – Riga, 21 de novembro de 1979), foi uma atriz e diretora de teatro.

28 O seu marxismo foi, ainda assim, muito peculiar, influenciado por pensadores como Karl Korsch (Toesdt, Lüneburg, 15 de agosto de 1886 – Belmont, Massachusetts, Estados Unidos, 21 de outubro de 1961), Fritz Sternberg (Wroclaw, 11 de junho de 1895 – Munique, 18 de outubro de 1963) e Ernst Bloch (Ernst Simon Bloch, Ludwigshaen an Rhein, 8 de julho de 1885 – Tübingen, 4 de agosto de 1977)

29 Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)

30 Nascido Johann Heinrich Suhrkamp em Kirchhatten em 28 de março de 1891 e finado em Frankfurt em 31 de março de 1959 foi um editor criador da Suhrkamp Verlag.

31 Alsleben, Saale, 14 de março de 1904 – Brno, ?, 1945.

32 Jena, 4 de novembro de 1897 – Sorengo, Suíça, 9 de dezembro de 1959. Fez parte da Liga Spartaquista e depois do Partido Comunista.

33 Zittau, 10 de novembro de 1894 – Carona, 2 de julho de 1963.

34 De nome civil Katharina Bech-Brondum, Randers, Dinamarca, 20 de março de 1872 – Copenhague, 11 de janeiro de 1950.

alemães, sobretudo os escritos da sua amante nessa altura Margarete Steffin³⁵ (a sua pequena soldado proletária, como ele a chamava, quem tragicamente morreu de tuberculose a despeito dos cuidados da também escritora Maria Osten (na realidade Greßhöner, nascida em Muckum em 20 de março de 1908 e falecida em Saratov, União Soviética, em 16 de setembro de 1942), enfermidade que já lhe fora diagnosticada em 1931. Brecht haveria reconhecer nela e no seu génio criador a colaboração inestimável em obras do calibre como *Die Rundköpfe und die Spitzköpfe* [Cabeças redondas e cabeças pontiagudas], *Die Gewehre der Frau Carrar* [Os fuzis da Senhora Carrar], *Die Horatier und die Kuriatier* [Os Horácios e os Curiácios], entre outras obras), ora substituída logo pela escritora, atriz, diretora e fotógrafa dinamarquesa Ruth Berlau³⁶. Junto com Kurt Weill cria no exílio a ópera-balé *Die sieben Todsünden* (Os sete pecados capitais) por encargo do poeta russo Borís Kokhno³⁷ e o escultor e poeta surrealista escocês Edward Frank Willis James³⁸ com estreia no Théâtre des Champs-Élysées de Paris em julho de 1933. Pouco tempo depois adquiriu uma casa em Svendborg, na Dinamarca, onde passará os seguintes cinco anos da sua vida junto da sua família. Uma das suas obras mestras, *Leben des Galilei* (A Vida de Galileu), foi escrita entre 1937 e 1938 e voltaria ser revista em 1943. Para além desta activa criação literária escreve inúmeros artigos para jornais de emigrantes e exilados alemães em Praga, Paris e Amesterdão. Em 1940 deixa a Dinamarca e vai para a Filândia por convite da escritora estoniana-finlandesa Hella Wuolijoki³⁹ para morar em Marlebäck junto com os seus. Foi ali onde escreveu outra das suas grandes obras: *Herr Puntila und sein Knecht Matti* (O senhor Puntila e o seu criado Matti) cuja estreia aconteceu em Zurique, no teatro Schauspielhaus, em 5 de junho de 1948. Durante o verão de 1940 começou a escrever junto da Wuolijoki *Die Judith von Shimoda* (A Judite de Shimoda) cujo original era do escritor japonês Yūzō Yamamoto⁴⁰ (a adaptação foi publicada apenas em 2006 pela editorial Suhrkamp Verlag).

Por maio de 1941 recebeu o visado para poder entrar nos Estados Unidos partindo com a sua família para Moscovo e desde Vladivostok de barco para Santa Mónica, na Califórnia, com a vista posta em poder se dedicar ao cinema como guionista. Poucas oportunidades haveria ter nos Estados Unidos e só se conserva a tradução junto com o diretor de teatro, actor e cineasta, Charles Laughton⁴¹ da *Vida de Galileu* que se haveria de estrear mais tarde nos Estados Unidos, em julho de 1947 no Coronet Theatre de Beverly Hills. Após a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, Brecht foi obrigado a se registrar como “inimigo estrangeiro” sendo vigiado pelo FBI para cair sob as garras do macartismo no Comitê de Actividades Antiamericanas⁴² como suspeito de pertença ao Partido Comunista. Apenas passado um dia desta indecente inquirição apanhou um avião e partiu para Paris para, por fim, ir morar em 5 de novembro em Zurique onde haveria permanecer durante um ano (A Suíça fora o único país que lhe outorgara a permissão de residência) proibindo-se-lhe expressamente a entrada na República Federal Alemã sob ocupação norte-americana. Em fevereiro de 1948, estrea-se no Stadttheater Chur⁴³ a versão que tinha adaptado da *Antígona de Sófocles*.

Acabada a guerra inúmeros amigos do genial escritor urgiram-no para voltar para a Alemanha e trabalhar lá. Quando foram abertos os teatros em 1948 na zona de ocupação soviética e Bertolt Brecht assistiu que encetara funcionar tanto o Teatro Alemão quanto o Volksbühne⁴⁴ viajou para o seu país em outubro de 1948 por pedido de assistência da Kulturbund para a renovação democrática da Alemanha⁴⁵. Brecht encontrou um apoio terminante do oficial cultural soviético Alexander Lvovich Dimschitz⁴⁶ decidido admirador do poeta e dramaturgo alemão e após uma reunião com Jacob Walcher⁴⁷, sindicalista e político comunista, determinou voltar para a Alemanha.

Após o oferecimento do diretor e actor Wolfgang Langhoff⁴⁸ para poderem-se mostrar as obras no Deutsche

35 Margarete Emilie Charlotte Steffin, Rummelsburg, hoje pertencente a Berlim, 21 de março de 1908 – Moscovo, 4 de junho de 1941.

36 Charlottenlund, 24 de agosto de 1906 – Berlim Oriental, 15 de janeiro de 1974.

37 Moscovo, 3 de janeiro de 1904 – Paris, 8 de dezembro de 1990.

38 Greywalls, 16 de agosto de 1907 - 2 de dezembro de 1984.

39 Helme / Livland, 22 de junho de 1886 – Helsínquia, 2 de fevereiro de 1954.

40 Prefeitura de Tochigi, 27 de julho de 1887 – Atami, 11 de janeiro de 1974

41 Scarborough, Inglaterra, 1 de julho de 1899 – Hollywood, Califórnia, 15 de dezembro de 1962.

42 Um amplo resumo deste infamante interrogatório pode se ler em Brecht de Juan Emilio Aragonés, Epesa, pp. 40-60.

43 O teatro mais grande do cantão dos Grisões.

44 É uma associação que dá ocasião aos seus membros para, sob uma subscrição a preços reduzidos, assistir ao teatro. A origem do movimento Volksbühne encontra-se em Berlim em 1890 A Freie Volksbühne foi estabelecido com a finalidade de permitirem os trabalhadores acudir ao teatro e tentar quebrar o monopólio cultural da burguesia até então. O pioneiro deste interessante movimento fora o Freie Bühne fundado em 1889 por escritores e críticos literários em Berlim.

45 Organização cultural de massas na zona de ocupação soviética (SBZ) e na República Democrática Alemã fundada por Johannes R. Becher e outros intelectuais em 8 de agosto de 1945. Muitos dos mais destacados escritores alemães estiveram ligados à Kulturbund, dentre deles Willi Bredel, Fritz Erpenbeck, Bernhard Kellermann, Anna Seghers, Christa Wolff, Victor Klemperer, Bodo Uhse, Ehm Welk e Arnold Zweig, sendo o seu primeiro presidente Johannes Robert Becher.

46 Tallin, 12 de julho de 1910 – Moscovo, 6 de janeiro de 1975. foi um escritor, professor e crítico literário.

47 Wain, 7 de maio de 1887 – Berlim Oriental, 27 de março de 1970.

48 Berlim, 6 de outubro de 1901 – Berlim Oriental, 25 de agosto de 1966. Foi incumbido na direção do Deutsche Theater desde 1946 até 1963.

Theater, Bertolt Brecht aceitou prontamente e com entusiasmo e desse jeito em 11 de janeiro de 1949 foi encenada Mutter Courage und ihre Kinder (Mãe Coragem e os Seus Filhos) com a colaboração de Erich Gustav Otto Engel⁴⁹ e música adicional de Paul Dessau⁵⁰. O êxito foi extraordinário e a imprensa louvou em elevado grau a posta em cena. Por esse tempo efectuou intensos e profundos estudos sobre a história da Comuna de Paris que frutificariam na posta em cena e filme para a televisão de Die Tage der Commune (Os dias da Comuna)⁵¹, com música de Hanns Eisler, uma reelaboração da obra do escritor norueguês Johan Nordahl Brun Grieg⁵² Nederlaget (A Derrota), que tinha sido editada em 1937.

Helene Weigel principiou, então, as pesquisas para poder ter o próprio conjunto artístico, obtendo o apoio dos políticos Friedrich Wilhelm Reinhold Pieck⁵³, Otto Emil Franz Grotewohl⁵⁴ e, por parte da Administração Militar Soviética na Alemanha, Alexander Dimschitz e dessa maneira, em 12 de outubro de 1949 foi conformado o Berliner Ensemble, uma das instituições mais importantes que já viu o século XX. É nesse cenário temporal que Bertolt Brecht vai ter os riquíssimos diálogos com jovens achegados à sua estética, como Benno Besson⁵⁵, Peter Palitzsch⁵⁶, Carl Weber⁵⁷ e Egon Monk⁵⁸

A princípio de 1950, decide colocar em cena Der Hofmeister oder Vorteile der Privaterziehung (O tutor ou as vantagens da educação privada) do poeta da época romântica alemã Sturm und Drang (tempestade e ímpeto) Jakob Michael Reinhold Lenz⁵⁹. A estreia da adaptação aconteceu em 15 de abril de 1950 e resultou o sucesso mais grande que já teve na sua vida sendo visto como um gigante da direção teatral, porém a ópera Die Verurteilung des Lukullus (A condenação de Lúculo) em 17 de março de 1951, com música de Paul Dessau e libreto de Bertolt Brecht, versão da obra para o rádio Das Verhör des Lukullus (O interrogatório de Lúculo) tornou-se um completo malogro.

Em 7 de outubro de 1951, Bertolt Brecht recebeu o Prémio Nacional da República Democrática Alemã por “liderar a luta pela paz e um feliz futuro para a humanidade” e em dois de junho de 1952 mudou-se junto com Helene Weigel para uma casa em Buckow (Märkische Schweiz), hoje museu Brecht-Weigel-Haus.

Foi em 17 de junho de 1953 que aconteceu um levante dos obreiros com demandas muito claras de mudanças políticas e económicas. Brecht remeteu cartas para o dirigente alemão Walter Ernst Paul Ulbricht⁶⁰, Vladimir Semionovich Semionov⁶¹, Otto Emil Franz Grotewohl⁶² e Gustav Just⁶³, (a carta expedida para os jornais apareceu mutilada e só viu a lume em Neues Deutschland em 21 de junho de 1953) onde demandava conversas entre as autoridades estatais e os trabalhadores que manifestavam uma insatisfação plenamente justificada⁶⁴.

Entre junho e setembro de 1953 Brecht trabalha, principalmente na sua morada de Buckow, nas Buckower Elegien (Elegias de Buckow) e em Turandot oder der Kongress der Weißwäscher (Turandot ou o congresso dos branqueadores) comédia satírica sobre o papel dos intelectuais “Tuis”, acrónimo de Tellekt-Ual-In, numa sociedade capitalista, baseada na obra da Commedia dell'arte de Carlo Gozzi⁶⁵ que, aliás, também tinha inspirado as óperas de Ferruccio Busoni⁶⁶ e Giacomo Puccini⁶⁷. Sucessivas crises matrimoniais adviram nesses momentos (Helene Weigel mudou-se temporalmente sozinha para Reinhardstraße, 1 e Brecht para um prédio em Chausseestraße, 125) e, por seu

49 Hamburgo, 14 de fevereiro de 1891 – Berlim, 10 de maio de 1966, diretor de cinema e teatro.

50 Hamburgo, 19 de dezembro de 1894 – König Wusterhausen, 28 de junho de 1979. Em 1969 foi condecorado com a ordem Karl Marx da República Democrática Alemã pela contribuição à arte musical.

51 A estreia teve lugar no XI Berliner Festtage em 7 de outubro de 1962 no Berliner Ensemble e gravada para a televisão sob a direção, desenho e vestuário de Karl von Appen emitindo-se em 17 de abril de 1966 com a realização televisiva na incumbência de Kurt Veth e Hubert Kreuz.

52 Bergen, Noruega, 1 de novembro de 1902 – Kleinmachnow, perto de Berlim, 2 de dezembro de 1943.

53 Guben, 3 de janeiro de 1876 – Berlim Oriental, 7 de setembro de 1960. Foi presidente da RDA desde 1949 até a sua morte em 1960.

54 Braunschweig, 11 de março de 1894 – Berlim Oriental, 21 de setembro de 1964. Foi primeiro ministro desde 1949 até 1964.

55 René-Benjamin Besson, Yverdon, 4 de novembro de 1922 – Berlim, 23 de fevereiro de 2006, actor e diretor suíço.

56 Deutmannsdorf, Löwenberg, Silésia, 11 de setembro de 1918 – Havelberg, 18 de dezembro de 2004, diretor de teatro alemão.

57 Dortmund, 7 de agosto de 1925 – Los Altos, Califórnia, 25 de dezembro de 2016, diretor de teatro e professor na Universidade de Stanford

58 Berlim, 18 de maio de 1927 – Hamburgo, 28 de fevereiro de 2007, dramaturgo e diretor de teatro e cinema alemão.

59 Seßwegen, governação da Livónia, Império russo, 12 de janeiro (segundo o calendário juliano / 23 de janeiro de 1751 (segundo o calendário gregoriano) – Giegen, Moscovo, 24 de maio (calendário juliano) / 4 de junho (calendário gregoriano) de 1792.

60 Leipzig, 30 de junho de 1893 – Gross Dölln, 1 de agosto de 1973, foi desde 1949 até o seu depoimento em 1971 o mais importante dirigente da RDA.

61 Kirsanov Uiezd, Rússia, 16 de fevereiro de 1911 – Colónia, Alemanha, 18 de dezembro de 1992, embaixador da União Soviética na Alemanha Oriental.

62 Braunschweig, 11 de março de 1894 – Berlim Oriental, 21 de setembro de 1964, foi primeiro ministro da RDA.

63 Reinowitz, Checoslováquia, 16 de junho de 1951 – Prenden, 23 de fevereiro de 2011, jornalista e político alemão.

64 Brecht escreveu mais tarde um poema onde acidamente assinalava: “Após o levante de 17 de junho / o secretário da União de Escritores / mandou distribuir panfletos na Avenida Stalin / onde se podia ler que o povo / tinha perdido a confiança do governo / e que apenas redobando o trabalho / poderia conquistá-la. Mas, não seria / mais simples que o governo / dissolvesse o povo / e escolhesse outro?”

65 Veneza, 13 de dezembro de 1720 – Veneza, 4 de abril de 1806.

66 Émpoli, Itália, 1 de abril de 1866 – Berlim, 27 de julho de 1924.

67 Lucca, 22 de dezembro de 1858 - Bruxelas, 29 de novembro de 1924.

lado, a sua sempre fiel amiga Ruth Berlau demonstrou ser mais uma verdadeira carga do que um alívio para o poeta.

Em janeiro de 1954, ao fundar-se o Ministério da Cultura na RDA e ser nomeado para presidi-lo Johannes Robert Becher, Brecht foi chamado para fazer parte do Conselho Assessor Artístico. Em 19 de março de 1954 abre, com os empregados, o Theatre am Schiffbauerdamm, hoje sede do Berliner Ensemble, edifício neobarroco desenhado por Heinrich Seeling⁶⁸, com a encenação do Dom Juan ou le Festin de Pierre (Dom João ou o Convidado de Pedra) de Molière. Em 21 de dezembro de 1954 recebeu o prêmio Internacional pela paz de Stalin, cerimônia levada a cabo no Kremlin de Moscovo em 25 de maio de 1955. Em novembro desse mesmo ano é nomeado Vicepresidente da Academia Alemã das Artes e leva adiante um ingente labor: duas representações por ano como director, além de incontáveis ajudas a outros directores de Berlim e desmedidas leituras de obras literárias que demandavam outros muitos autores. O êxito atingido afora da Alemanha em 1954 por Mutter Courage und ihre Kinder (Mãe Coragem e os Seus Filhos) e em 1955 Der kaukasische Kreidekreis (O Círculo de Giz Caucasiano) em Paris relançou a sua fama universal.

Em 15 de maio de 1955 ainda Brecht escreveu para o seu amigo Rudolf Engel uma carta testamento onde indicava que não desejava fosse colocada nenhuma indicação na sua tumba quando morrer e gostaria ser enterrado no campo-santo que havia junto da sua morada, em Chausseestraße. Um ano depois foi internado no hospital Charité por gripe. Para se recobrar viajou de férias de verão para a sua quinta de Schermützelsee em Märkische, mas os ares do campo não podiam curar os problemas cardíacos que arrastava desde a infância. Brecht sofreu um ataque cardíaco em 12 de agosto de 1956 morrendo às 23:30 do 14 desse mês por causa dum enfarte agudo do miocárdio no seu domicílio de Chausseestrasse, 12 de Berlim. O grande poeta foi soterrado em 17 de agosto de 1956 com uma enorme afluência de trabalhadores e cidadãos que honravam dessa maneira quem tudo dera por eles, para além de haver uma grande concorrência política e cultural. Hoje está enterrado, junto da sua esposa Helene Weigel no Dorotheenstädtischer Friedhof, ao lado de personalidades como Paul Dessau, Hanns Eisler, Johann Gottlieb Fichte, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Heinrich Mann, Herbert Marcuse, Anna Seghers ou Arnold Zweig entre outros grandes vultos. Morreu o grande poeta, mas continua existindo e viverá enquanto a humanidade não ultrapasse o estágio de barbárie que ele tão genialmente ajudou-nos a ver e combater.

SOBRE A FERIDA DE SÓCRATES

O relato foi publicado no livro *Kalendergeschichten* (Histórias do calendário) em janeiro de 1949 editado por Gebrüder Weiss em Berlim, sendo que os primeiros esboços datam de dezembro de 1938, quando Brecht estava no exílio. Para a sua elaboração tomou como modelo o Simpósio de Platão, em que o filósofo é apresentado como um guerreiro valente, e a obra *Alcebiades salvo* (*Der gerettete Alkibiades*) de Friedrich Carl Georg Kaiser, que fora publicada em 1920, da qual apanhou o tema do espinheiro. A matéria da valentia de Sócrates e que tivesse combatido nas tropas ligeiras também está considerado em *Vida de Sócrates* de António Tovar⁶⁹.

A brilhante narrativa de Bertolt Brecht, naturalmente fictícia, pretende ressaltar não a coragem do filósofo no campo de batalha, embora ele dizer a verdade. A história, contudo, nem reflecte a realidade histórica, nem o pretende, porque é bem sabido que a batalha de Délio não ocorreu entre gregos e persas senão dentro da Guerra Arquidâmica, primeira parte das Guerras do Peloponeso, que sucedeu desde 431 a. C até a Paz de Nícias em 421 a. C. [Toma o nome de arquidâmica pelo rei de Esparta Arquidamo II da dinastia Euripóntida]. A pretensão do grande escritor não foi ser fiel à realidade histórica embora mostrar o princípio da verdade e a sua contradição dialéctica dum ponto de vista marxista. Bertolt Brecht aparecendo como narrador onisciente dá à obra narrativa uma especial e brilhante vivacidade.

A transcrição do texto em alemão foi feita desde a edição de *rororo-Taschenbüchern Verlag GmbH, -ROWOHLT*, Hamburgo, abril de 1975, pp. 85-102. É desta publicação que fiz a tradução que ponho na vossa presença. Espero seja prazenteira.

68 Zeulenroda, 1 de outubro de 1852 – Berlim, 15 de fevereiro de 1932.

69 Veja-se em Alianza Editorial, Madrid, 1999, página 29.

BIBLIOGRAFIA IMPRESCINDÍVEL DE E SOBRE BERTOLT BRECHT

- FBI – Akte von Bertolt Brecht (Freedom of Information Act), <https://vault.fbi.gov/Bertolt%20Brecht%20>
- Bertolt Brecht speaks in the House Committee on Un-American Activities, <https://youtu.be/GkiqGxD4CZ8>
- *Breviario de estética teatral* (título original, Schriften zum Theater, Frankfurt am Main, 1957), Bertolt Brecht, Ediciones La Rosa Blindada, Buenos Aires, Argentina, 1963.
- *La política en el teatro* (título original, Über Politik auf dem Theater, Suhrkamp Verlag, Frankfurt, 1971), Bertolt Brecht, Editorial Alfa Argentina, Buenos Aires, 1972.
- *BRECHT*, Juan Emilio Aragonés, EPESA, Madrid, 1974.
- *BRECHT, Bertolt*, V. Pandolfi, in Diccionario Bompiani de Autores Literarios, Vol. I, Editorial Planeta-De Agostini, Barcelona, 1987, pp. 377-379.
- *Brecht y el expresionismo. Reconstrucción de un diálogo revolucionario*, José A. Sánchez, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1992.
- *Über Brecht und Marx*, Louis Althusser, <http://theoreticalspraxis.blogspot.de/andere/louis-althusser-ueber-brecht-und-marx/> (*Edição primária: Écrits philosophiques et politiques. Tomo II. 1995. Paris. Stock / IMEC, p. 541-556*).
- *Brecht. Recuerdos de Ruth Berlau*, Hans Bunge, editor (título original, Brechts Lai-Tu. Erinnerungen und Notate von Ruth Berlau, Luchterhand Literaturverlag, 1985), Editorial Trotta, Madrid, 1995.
- *Brecht-Chronik*, Werner Hecht, Suhrkamp, Frankfurt am Main 1997.
- *Brecht*, Hans Mayer, Argitaletxe Hiru, Hondarribia, Guipúzcoa, 1998.
- Brecht in Rehearsal - Hans Mayer, <https://youtu.be/YkaiDtuz0fl>
- *Politisches Theater und Philosophie der Praxis oder Wie Brecht Theater machte. Ein Interview mit Manfred Wekwerth*, <http://www.zeitschrift-marxistische-erneuerung.de/article/757.politisches-theater-und-philosophie-der-praxis-oder-wie-brecht-theater-machte.html> (publicado em Z., nº 66, junho, 2006).
- *Bertold Brecht*, Vicente Romano, <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=36523> (24/08/2006).
- *Bertolt Brecht de cara a Aristóteles. Distanciamiento versus catársis*, Carlos Mario López Tombe. Universidad del Valle – Facultad de Humanidades – Licenciatura en filosofía, Cali, Colômbia, 2011.
- *Estudos sobre Bertolt Brecht*, Rita Alves Miranda, Existência e Arte – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO VII – Número VI – Janeiro a Dezembro de 2011, pp. 25 – 41.
- *Brecht on Stage I*, <https://youtu.be/T1iAHP68e1Q>
- *Bertolt Brecht (1898–1956). Vida e Obra*, Vasco Soares de Oliveira Cunha, Millenium, 45 (junho/dezembro, 2013), pp. 169-179.
- *La creación de Brecht a cien años de su nacimiento*, Luis Fayad, Cuadernos de Literatura, Vol III, número 6, pp. 97 – 105.
- *La construcción de un montaje profesional a partir de conceptos de la teoría teatral brechtiana*, Pedro Pablo Bustos Ramírez - Camila Fernanda Rojas Schlegel, Universidad de Chile – Facultad de artes – Departamento de teatro, Santiago de Chile, Chile, janeiro, 2016.
- *Turandot en la dramaturgia de Friedrich Schiller y Bertolt Brecht*, María del Carmen Balbuena Torezano, Revista de Filología Alemana, vol. 24, 2016, pp. 23-34, Universidad Complutense de Madrid.
- A vida de Bertolt Brecht (Brecht - Die Kunst zu leben) – Legendado, <https://youtu.be/n3n5brf8foA>
- Ciência & Letras - Bertold Brecht, <https://youtu.be/2ISTmtAerh0>

SÓCRATES FERIDO

Dedicado a George Kaiser¹

Sócrates, o filho da parteira, que nos seus diálogos ajudava os seus amigos a deitar luz entre ditos engraçados pensamentos sem erros, os presenteava com os próprios filhos, em vez de, como outros mestres, aldrabá-los com bastardos, não só foi considerado o mais sábio de todos os gregos mas também como um dos mais valentes. A sua reputação de bravura parece bastante justificada quando lemos em Platão com quanto brio destemido esvaziou a taça de cicuta que as autoridades finalmente obrigaram-lhe a beber em paga dos serviços prestados aos seus concidadãos. Mas alguns dos seus admiradores acharam necessário falar da sua valentia no campo. Na verdade, ele lutou na batalha de Délio², fazendo-o como soldado da infantaria leve, já que nem pela sua reputação - era sapateiro -, nem pelas suas rendas - era filósofo -, foi recrutado para os ramos militares mais nobres e mais custosos. No entanto, como se pode imaginar, a sua bravura era dum tipo especial.

Sócrates se preparou o melhor que pôde para o acontecimento sangrento na manhã da batalha mastigando cebolas, o que, na visão dos soldados, produzia coragem. O seu ceticismo em muitos domínios levava-o à credulidade em muitas outras áreas; era contrário à especulação e a favor da experiência prática, e assim não acreditava nos deuses, mas sim nas cebolas.

Infelizmente não sentiu nenhum efeito real, pelo menos nenhum imediato, e trotava tristemente numa seção de soldados armados com espadas que marchavam em fila única para a sua posição nalgum restolhal. Atrás e à sua frente, os atenienses depararam-se com rapazes dos subúrbios, que o avisaram de que os escudos dos arsenais atenienses eram pequenos demais para pessoas gordas como ele. Tivera a mesma ideia, pelo facto de que pessoas fortes apenas estavam parcialmente cobertas pelos escudos ridiculamente estreitos. A troca de ideias entre o homem da frente e o seu companheiro de trás sobre os lucros dos grandes arsenais pelos escudos muito pequenos foi interrompida pelo comando: «Acampar».

Se acomodaram no chão de restolho e um capitão censurou Sócrates por tentar se sentar no seu escudo. Mais do que o própria reprimenda perturbou-o a voz abafada que usava. Parecia suspeitar-se de que o inimigo estivesse perto.

O nevoeiro matutino da manhã impedia toda a visão. No entanto, os sons de passos e o tinir das armas indicavam que a planície estava ocupada.

Sócrates recordou com aversão uma conversa que tivera na noite anterior com um jovem nobre que havia conhecido atrás dos bastidores dum teatro e que era oficial de cavalaria.

«Um plano excelente!», explicara o rapazote. «A infantaria simplesmente, sem voltar a cara à tropa hostil e bem posicionada, aguentando o impulso do inimigo. Entretanto a cavalaria, que está no terreno baixo, ataca-o pelas costas.»

A planície tinha que estar longe para a direita, algures na neblina. Por ali a cavalaria deveria avançar. O plano afigurava-se bom para Sócrates, ou pelo menos não lhe pareceu ruim. Planos sempre foram feitos, especialmente quando se era inferior ao inimigo em número. Na realidade, a gente esquece todo e começa a dar golpes sem jeito nem maneira. E não se ia para onde o plano prescrevia, mas para onde o inimigo o permitia. Agora, na luz cinzenta da manhã, o plano pareceu-lhe a Sócrates totalmente infeliz. O que isso significava: a infantaria apanha o embate do inimigo? Em geral, ficamos felizes em evitar um empurrão, e agora a arte era apará-lo! Foi muito ruim que o próprio general fosse um cavaleiro.

Não havia tantas cebolas no mercado para as necessidades do homem simples.

E quanto antinatural era encontrar-se ali tão cedo de manhã, em vez de deitado na cama, sentado no meio dum campo no chão descoberto, com pelo menos cinco quilos de ferro nas costas e

1 Friedrich Carl Georg Kaiser (Magdeburgo, 25 de novembro de 1878 – Ascona, 4 de junho de 1945), literato e dramaturgo alemão.

2 A Batalha de Délio aconteceu durante a guerra do Peloponeso no princípio do inverno do ano 424 a. C., perto da pequena cidade beócia de Délio.

uma faca de guerra na mão! Era verdade que a cidade tinha que ser defendida quando fosse atacada, porque senão ficava-se exposto a grandes inconvenientes, mas porque a cidade foi atacada? Porque os armadores, os proprietários de vinhedos e comerciantes de escravos da Ásia Menor tinham se metido com os armadores persas, os donos de vinhedos e traficantes de escravos persas! Um lindo motivo!

De repente todos ficaram congelados. Da esquerda da neblina chegou-lhes um rugido surdo acompanhado por sons metálicos. O ruído propagou-se muito rapidamente. O ataque do inimigo havia começado.

O contingente levantou-se. Os olhos desorbitados tentavam perfurar a bruma. Dez passos para o lado, um homem caiu de joelhos chamando os deuses. Tarde demais, pensou Sócrates. De repente, como uma resposta, um rugido terrível ecoou para a direita. O grito por ajuda parecia ter se transformado num brado de morte. Sócrates viu uma pequena barra de ferro voar do nevoeiro. Um dardo!

E então, em primeiro plano na névoa, assomaram formas maciças: os inimigos.

Sócrates, dominado pela impressão de que talvez tivesse esperado tempo demais, virou-se desajeitadamente e desatou a correr. O peitoral e as grevas pesadas o atrapalhavam. Eram bem mais perigosos do que os escudos, já que não se podiam atirar fora.

Ofegante, o filósofo correu pelo campo de restolho. Tudo dependia de ganhar vantagem suficiente. Com sorte, os rapazes corajosos atrás dele aguentariam o choque por algum tempo. De repente, uma dor infernal correu por ele. A sua sola esquerda queimava, tanto que não aguentava. Caiu gemendo no chão, mas retornou se erguer com um novo grito de dor. Olhou ao redor com olhos espavoridos e entendeu tudo. Fora dar num espinheiro!

Era um emaranhado de sebes baixas com espinhos muito aguçados. Um espinho fora-se-lhe cravar no pé. Cuidadosamente, com os olhos arrasados em lágrimas procurou por um lugar no chão onde pudesse sentar-se. Apoiando-se no pé bom, coxeou alguns passos em círculos, antes de se sentar pela segunda vez. Tinha de arrancar o pico imediatamente. Aguçou o ouvido ansiosamente para escutar o fragor da batalha: espraiava-se para os dois lados bastante longe, estava pelo menos na distância de cem passos à frente. Ainda assim parecia se aproximar devagar, mas inequivocamente.

Sócrates não conseguiu tirar a sandália. A pua perfurara a sola fina de coiro e ficara presa na carne. Como era possível fornecer sapatos tão finos para os soldados que deveriam defender a pátria contra o inimigo! Cada puxão na sandália tinha sido seguido por uma dor ardente. O pobre homem deixou os seus ombros sólidos afundarem para frente. O que fazer? Os seus olhos turvos repararam na espada que lhe pendia no flanco. Um pensamento cruzou o seu cérebro, mais bem-vindo do que nunca numa conversa. A espada poderia ser usada como um canivete? Pegou na espada.

Naquele momento ouviu passos abafados. Um pequeno grupo atravessou a vegetação rasteira. Graças aos deuses, eles eram dos seus! Pararam por alguns segundos quando o viram. «Esse é o sapateiro», ouviu dizer. Seguiram depois o seu caminho. Mas à esquerda deles ouviu um barulho. E vozes de comando em língua estrangeira. Os persas! Sócrates tentou se pôr de pé, isto é, na perna direita. Apoiou-se na espada, que no entanto era um pouco curta demais. E então, à esquerda, na pequena clareira, viu surgir um grupo de combatentes. Ouviu gemidos e o som de ferro opaco golpeando em ferro ou coiro. Desesperado, pulou para trás sobre o pé são. Firmou-se novamente sobre o pé ferido e afundou-se com um gemido. Quando a turma de combatentes, que não era grande, talvez vinte ou trinta homens, se aproximou alguns passos, o filósofo sentou-se nas suas nádegas entre dois espinheiros, contemplando impotente o inimigo.

Era-lhe impossível mover-se. Tudo era melhor do que sentir aquela dor no pé mais uma vez. Não sabia o que fazer e de repente começou a gritar. Exatamente descrito foi assim: ele ouviu-se a si rugindo. Ouviu-se bramando como uma trompa com todas as forças do seu peito potente: «Aqui, terceira divisão! Dêem-lhes forte, rapazes!» E ao mesmo tempo viu-se empunhando a espada e girando em círculos, pois na frente dele estava um soldado persa com uma lança emergindo das brenhas. A lança voou para um lado arrastando consigo o homem.

E Sócrates ouviu-se gritar pela segunda vez e dizer: «Não recuem nem mais um passo,

rapazes! Agora nós os temos onde os queríamos, os filhos dum cão! Krapolus, para a frente com a sexta! Nulos, à direita! Esfancicarei quem recuar!» Ao lado dele, para o seu espanto, viu dous dos seus próprios, olhando para ele pasmos. «Gritem», disse em voz baixa, «rujam, polo amor de Deus!» Um deles deslocou a mandíbula com horror, mas o outro começou a gritar algo. E o persa na frente deles levantou-se a custo e correu para o mato. Da clareira, uma dúzia de homens avançavam torpemente exaustos. Os persas escaparam com os bramidos, receosos duma emboscada.

«O que acontece aqui?» Perguntou um dos compatriotas de Sócrates, que ainda estava sentado no chão.

«Nada», respondeu. «Não fiquem aí parados olhando para mim. Em vez disso, corram para a frente e para trás dando ordens para que não percebam quão poucos estamos aqui.» «Será melhor recuarmos», retorquiu o homem, vacilante. «Nem sequer um passo», protestou Sócrates. «Sois acaso poltrões?» E já que não é suficiente o medo para um soldado, mas deve ter sorte, ouviu-se de repente duma certa distância, mas muito claramente, um tropel de cavalos e gritos selvagens, e desta vez em grego! Todo mundo sabe como foi devastadora a derrota dos persas nesse dia. Ela pôs termo à guerra. Quando Alcibíades³, à cabeça da cavalaria, chegou ao campo de espinhos, avistou um bando de soldados a pé carregando um homem gordo nos ombros.

Detendo o seu cavalo, reconheceu Sócrates, e os soldados informaram-lhe de que ele havia parado a linha de batalha em debandada pola sua resistência inabalável.

Levaram-no triunfalmente até a tropa. Lá estava ele, apesar do seu protesto, montado num dos quatro carros de forragem, e cercado por soldados berrando excitados voltou para a cidade. Foi carregado em ombros até a sua modesta casa. Xantipa, a sua esposa, preparava uma sopa de favas. Ajoelhada na frente da lareira e soprando no lume com as bochechas cheias, de vez em quando olhava para ele. Continuava ainda sentado na cadeira onde os seus companheiros o colocaram. «O que é que passou contigo?», perguntou ela, desconfiada. «Comigo?», murmurou ele. «Nada».

«O que é essa conversa, então, sobre as tuas façanhas?» inquiriu ela.

«Exageros», disse ele. «Cheira excelente». «Como pode cheirar se ainda não acendi o fogo? Tornas fazer de bobo de novo, não é assim?» Disse ela com raiva. «Amanhã terei outra vez de enfrentar a risota quando for comprar o pão.»

«Eu não me fiz de bobo. Me bati.» «Estavas bêbedo?»

«Não. Consegui detê-los quando recuavam.» «Tu não podes nem mesmo aguentar-te em pé», retorquiu ela, levantando-se, pois o fogo já prendera. «Dá-me o saleiro da mesa.»

«Eu não sei», disse ele devagar e pensativo: «Não sei se não seria melhor que não coma nada. Estraguei o meu estômago um pouco.» «O que estás é bêbado. Tenta erguer-te e ir até o quarto, logo vamos ver». A sua injustiça amargurava-o. Mas sob nenhuma circunstância queria levantar-se e mostrar-lhe que não podia andar. Ela era incrivelmente inteligente quando se tratava de descobrir alguma cousa desfavorável sobre ele. E não lhe favorecia se tornasse conhecida a razão mais profunda da sua firmeza na batalha. Ela continuou remexendo na panela no fogão, dizendo o que estava pensando. «Tenho certeza de que os teus belos amigos te deram uma boa sinecura bem na retaguarda, junto da cozinha de campanha. Tudo quanto aí se faz é candonga».

Ele olhou preocupado através da fresta da janela para a rua, onde a multidão vagava com lanternas brancas, celebrando a vitória.

Os seus nobres amigos não haviam tentado nada assim, e ele também não aceitaria, polo menos não tão facilmente.

«Ou acharam perfeitamente natural que o sapateiro marchasse juntamente com os outros? Eles não movem o dedo mindinho por ti. Ele é sapateiro, dizem, e deverá continuar a ser sapateiro. De que outra forma podemos entrar no seu buraco imundo e falar com ele por horas a fio e ouvir todo mundo dizer: Olhe, se ele é um sapateiro ou não, essas pessoas boas sentam e conversam com ele sobre a filosofia. Suja canalha.» «Chama-se filafobia», emendou ele. Ela lançou-lhe um olhar de mau humor.

«Deixa de me corrigir. Sei que sou ignorante. Se assim não fosse, não terias ninguém que te

3 Atenas antiga, 450 a. C.— Melissa, na Frígia, 404 a. C., general e político ateniense.

trouxesse uma bacia de água para lavares teus pés de vez em quando.»

Ele estremeceu, esperando não fosse lembrar-se disso agora. Era impensável hoje qualquer lavagem dos pés. Graças aos deuses, ela continuou o seu discurso. «Então tu não estavas bêbado e eles não te deram um trabalho de sinecura. Nesse caso deves ter agido como um carnicheiro. Não é certo que tens sangue nas mãos, hein? Mas quando eu esmago uma aranha, logo te pões a gritar. Não é que tenha pensado que não tenhas estado à altura das circunstâncias, mas algo terás feito às caladas para que eles te dêem pancadinhas nas costas. Mas podes confiar que eu hei de sabê-lo, a não tardar.» A sopa estava agora pronta. Cheirava sedutoramente. A mulher pegou na panela, segurou-a pelas asas com a saia, colocou-a em cima da mesa e começou a servir a mesa com a colher.

Ele se perguntou se ainda deveria recuperar o apetite. A ideia de que tinha que se aproximar para sentar na mesa parou-o a tempo.

Não se sentia bem. Sentia claramente que o assunto ainda não havia terminado. Claro que haveria muitas cousas desagradáveis no futuro próximo. Não era possível que o deixassem em paz após ter um papel decisivo numa batalha contra os persas. É claro que agora, no primeiro júbilo de vitória, não se pensasse em quem cabiam os méritos. Todos estavam ocupados em apregoar a sua própria fama. Mas amanhã ou depois de amanhã cada um havia de ver que o seu companheiro reivindicava toda a glória e então seria o momento de se lembrarem dele. Muitos poderiam assim cortar a casaca alguns, ao testemunharem o sapateiro como o verdadeiro herói principal. Em qualquer caso não eram lá muito afeiçoados a Alcibíades. Haveriam de lhe lançar ao rosto: Tu venceste a batalha, mas foi um sapateiro quem lutou até o fim.

O espinho doía-lhe mais do que nunca. Se não descalçasse a sandália logo, poderia sobrevir uma septicemia. «Não faças ruído a comer», disse distraidamente. A mulher imobilizou a colher na boca. «O que eu estou fazendo?»

«Nada», apressou-se a afirmar, atemorizado. «Estava apenas pensando.»

Ela levantou-se fora de si, achegou a panela no fogão e saiu correndo.

Ele suspirou de alívio. Apressadamente ergueu-se da cadeira e pulou de volta para a cama, olhando em volta com ar medroso. Quando ela voltou para buscar o xale, olhou desconfiada para ele que permanecia imóvel na rede forrada de coiro. Por um momento pensou que alguma coisa lhe estava faltando. Até considerou perguntar-lhe porque era-lhe muito dedicada. Mas pensou-o melhor e saiu da sala para assistir às festividades com a vizinha. Sócrates dormiu mal e inquieto e acordou preocupado. Descalçara a sandália mas não conseguira tirar a espinha. O pé estava muito inchado. A sua esposa mostrou-se menos violenta de manhã.

Tinha ouvido à noite toda a cidade falar sobre o seu marido. Efectivamente algo devia ter acontecido para estarem tantas pessoas impressionadas. Que tivesse conseguido deter uma hoste inteira de persas não lhe cabia na cabeça. Era incapaz de fazê-lo, pensou. Fazer frente a uma assembleia inteira com suas perguntas, sim, ele poderia. Mas não um exército. Então, o que aconteceu?

Ela estava tão insegura que lhe levou o leite de cabra à cama.

Ele não fez nenhum movimento para se levantar. «Não queres sair?», perguntou. «Não me apetece», resmungou ele.

Não era a resposta que se deveria dar à pergunta educada da sua esposa, mas ela pensou que talvez só quisesse evitar encarar os olhares das pessoas e deixou a resposta passar. Os visitantes chegaram de manhã cedo.

Eram dous jovens, filhos de pais ricos, a sua companhia habitual. Sempre o tratavam como seu mestre, e alguns até iam escrevendo quando ele falava como se fosse algo muito especial.

Hoje informaram-no imediatamente de que a sua fama enchia Atenas. Era uma data histórica para a filosofia (então ela estava certa, chamava-se filosofia e não outra coisa). Sócrates tinha demonstrado que aquele que é grande na contemplação também podia ser grande na acção.

Sócrates os escuitou sem o ricto irônico costumeiro. Enquanto falavam, era como se escuitasse, longe, como se ouvisse uma trovoadas distante, uma tremenda gargalhada, a risada de toda uma cidade, de todo um país, afastada mas se aproximando, inexoravelmente, contagiando

todo mundo, os transeuntes nas ruas, os mercadores e políticos na praça, os artesãos nas suas pequenas lojas.

«É um disparate o que vocês estão a me contar», disse ele com súbita resolução. «Eu não fiz nada.»

Sorrindo, se entreolharam. Então um deles disse:

«Exatamente o que nós dissemos. Sabíamos que você encararia o assunto assim. Que súbita gritaria é esta agora, perguntamos a Eusópulos em frente dos ginásios. Durante dez anos, Sócrates realizou as mais grandes obras do espírito e ninguém voltou a cabeça na sua direção. Venceu uma batalha, e toda Atenas está falando sobre ele. Não vê, dissemos-lhe nós, o quão vergonhoso é isso?» Sócrates gemeu.

«Mas eu não a ganhei. Me defendi porque fui atacado. Não estava interessado nessa batalha. Não sou negociante de armas, nem tenho vinhedos na comarca. Não sabia porque devia participar em batalhas. Estava entre a gente sensata dos arredores que não está interessada em batalhas, e fiz exatamente como todas elas, quando muito algum momento antes delas.» Eles ficaram impactados.

«Isso mesmo», exclamaram, «foi o que nós dissemos. Não fez nada além de se defender. Essa é a sua maneira de ganhar batalhas. Permite-nos voltar aos ginásios. Só interrompemos um diálogo sobre este assunto para te virmos dar o bons-dias».

E afastaram-se, voluptuosamente absortos no diálogo. Sócrates ficou deitado em silêncio, apoiado nos cotovelos, e olhou para o teto enegrecido pelo fumo. Estava certo nas suas premonições mais sombrias.

A sua esposa o observou do canto do quarto enquanto remendava mecanicamente uma saia velha. De repente disse baixinho: «Então, o que há por trás disso?» Ele estremeceu. Inseguro olhou para ela. Era uma criatura gasta, com o peito que mais parecia uma tábua e olhos tristes. Sabia que podia confiar nela. Ainda miraria por ele quando os seus alunos dissessem: Sócrates? Não é o perverso sapateiro que nega os deuses? Tivera pouca sorte com ele, mas nunca reclamou ninguém, exceto a ele. E não havia uma noite em que pão e um pedaço de toucinho não estivessem na mesa para ele quando chegava esfomeado da casa dos seus ricos discípulos.

Perguntou-se se deveria contar-lhe tudo. Mas de seguida pensou que no futuro próximo teria que dizer muita mentira e hipocrisia na sua presença, quando as pessoas chegassem como fizeram agora e falassem sobre suas façanhas, e não poderia fazer isso se ela soubesse a verdade, porque ele a respeitava.

Então ele deixou ir e disse apenas: «O quarto fede à sopa de favas fria de ontem à noite.» Ela lançou-lhe um novo olhar desconfiado. É evidente que não estavam na situação de desperdiçar a comida. Ele estava apenas procurando por algo que pudesse distrair a sua atenção. Cresceu nela a convicção de que algo estava errado com ele. Por que não se levantava? É certo que sempre despertava tarde, mas só porque sempre se deitava tarde. Ontem tinha ido para a cama muito cedo. E hoje toda a cidade estava de pé, por causa das celebrações da vitória. Todas as lojas da rua estavam fechadas. Parte da cavalaria voltou da perseguição do inimigo pelas cinco horas da madrugada, ouvira-se o tropel dos cavalos. As aglomerações humanas eram uma das paixões dele. Andava por aí em dias da manhã até a noite e metia conversa em toda a parte. Então, por que não se levantava? A porta escureceu e entraram quatro magistrados. Pararam no meio do quarto, e um deles disse em um tom frio, mas educado, que tinha a tarefa de levar Sócrates ao Areópago⁴. O general Alcibíades em pessoa apresentara a proposta para que fosse honrado pelos seus feitos militares.

Um murmúrio que vinha da rua indicava que os vizinhos estavam se reunindo em frente da casa.

Sócrates sentiu-se banhado de suor. Sabia que teria que se levantar agora e, ainda que se recusasse a ir, ao menos teria se erguer, dizer algo educado e acompanhar os senhores até à porta. E sabia também que não iria dar mais do que dous passos no máximo. Então eles olhariam para o seu pé e ficariam sabendo. E a grande gargalhada começaria aqui e agora.

Assim que ao invés de se pôr em pé, caiu de volta na sua almofada dura e disse em tom mal-

⁴ Liétralmente, Colina de Ares. Parte nordeste da Acrópole em Atenas e o nome do conselho que ali se reunia.

humorado:

«Dispensar qualquer homenagem. Dizei ao Areopago que combinei com alguns amigos para as onze horas a fim de discutir uma questão filosófica que nos interessa assim que, para o meu pesar, não posso ir. Não sirvo de maneira alguma para eventos públicos e, além disso, estou cansado demais.» Acrescentou a segunda frase porque o aborreceu ter comprometido a filosofia, e proferira a primeira porque esperava se livrar deles mais facilmente com uma grosseria.

Os magistrados também entenderam essa linguagem. Giraram nos calcanhares e se afastaram pisando os pés das pessoas aglomeradas da parte de fora.

«Hão-de-te ensinar a cortesia com as autoridades», disse-lhe com irritação a sua esposa e se dirigiu para a cozinha. Sócrates esperou até que saísse, depois rapidamente virou o seu corpo pesado na cama, sentou-se na beira, olhando de soslaio para a porta e tentou, com infinita cautela, levantar-se sobre o pé doente. Tudo resultou inútil. Coberto de suor, se deitou.

Passou meia hora. Pegou um livro e pôs-se a ler. Se mantinha o pé quieto, quase não sentia nada. Chegou então o seu amigo Antístenes⁵.

Não tirou o grosso capote, parou ao pé da cama, tossiu um pouco convulsivamente e coçou a barba hirsuta em redor do pescoço olhando para Sócrates. «Ainda estás deitado? Pensei que só viria encontrar Xantipa. Levantei-me especialmente para vir saber de ti. Estava com resfriado e não pude chegar-me ontem.» «Senta-te», disse Sócrates laconicamente.

Antístenes pegou uma cadeira na esquina e sentou-se com o amigo.

«Vou retomar as aulas novamente hoje à noite. Não há necessidade para as suspender por mais tempo.» «Não.»

«Naturalmente, perguntei-me se eles viriam. Hoje são os grandes banquetes. Mas no caminho até aqui, encontrei o jovem Feston, e quando lhe fiz saber que dava álgebra hoje à noite, ficou simplesmente entusiasmado. Disse-lhe que poderia vir com o seu capacete. Protágoras⁶ e os outros vão estourar com a raiva quando souberem que em casa de Antístenes continuaram a estudar álgebra na noite após a batalha».

Sócrates se balançou levemente na rede, empurrando a palma da mão contra a parede levemente inclinada. Com os olhos abertos, examinava interrogativamente para o amigo.

«Não encontraste mais alguém?» «Um monte de gente.»

Sócrates mal disposto olhou para o teto. Deveria confessar-lhe toda a verdade a Antístenes? Tinha bastante confiança nele. Ele próprio nunca se fez pagar pelas aulas e não era assim concorrente de Antístenes. Talvez devesse contar-lhe aquele caso tão enrevesado.

Antístenes fixou com ar curioso no amigo os seus brilhantes olhos de grilo e informou:

«Górgias⁷ anda por aí contando que tu te puseste em fuga e foste na direção errada do caminho a seguir. Alguns dos melhores jovens já querem por essa mesma razão dar-lhe uma sova. Sócrates olhou para ele desagradavelmente surpreso. «Bobagem», comentou irritado. De repente, tornava-se claro o que seus adversários poderiam alegar contra ele se se descobrisse. À noite, durante a madrugada, tinha pensado que talvez poderia fingir que a coisa toda era um experimento destinado a comprovar quão grande era a credulidade de todos. «Por vinte anos levo ensinando o pacifismo em todas as ruas, e um rumor foi suficiente para que meus próprios alunos pensassem que eu era um furibundo guerreiro», etc., etc. Mas, para isso, a batalha não deveria ter sido vencida. Obviamente, agora era um momento ruim para o pacifismo. Depois duma derrota, até mesmo os chefes se tornam pacifistas por um tempo, mas mesmo os últimos cidadãos após uma vitória mostram-se partidários da guerra, pelo menos por um tempo, até se aperceberem que vitória e derrota não são tão diferentes para eles. Não, ele não poderia dar-se ao luxo agora de alardear pacifismo.

⁵ Atenas, em torno de 445 a. C. — Atenas, 365 a. C., filósofo fundador da escola cínica, primeiro foi discípulo de Górgias e depois tornou-se discípulo de Sócrates.

⁶ Abdera, c. 490 a. C. — Sicília, c. 415 a. C., sofista, célebre pela frase: "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são".

⁷ Leontinos, ca. 485 a. C. — Lárisa, ca. 380 a. C., chamado "O Niilista", retórico e filósofo.

Da rua ouviu-se um tropear de cavalos. Os cavaleiros pararam na frente da casa e Alcibiades entrou com passo vivo. «Bom dia, Antístenes, como está o negócio da filosofia? Estão indignados», disse animadamente. «A tua resposta pô-los fora de si no Areópago, Sócrates. Para fazer uma piada, mudei o meu pedido para dar-te a coroa de loureiro pola de te administrar cinquenta paus. O que os deixou totalmente atrapalhados, de tal modo correspondia com o espírito deles. Mas tens que vir junto a mim. Iremos os dous, a pé».

Sócrates suspirou. Levava-se muito bem com o jovem Alcibiades. Costumavam beber juntos. Era um belo gesto da parte dele vir procurá-lo. Certamente não fora apenas o desejo de ofender o Areópago. E mesmo esse último desejo era honroso e merecia ser apoiado.

Cuidadosamente, finalmente disse, balançando na sua rede: «Pressa é o nome do vento que derruba o andaime. Senta-te».

Alcibiades riu e aproximou uma cadeira. Antes de se sentar, inclinou-se educadamente para Xantipa, que estava de pé na porta da cozinha, enxugando as mãos molhadas na saia.

«Vocês, filósofos, são tipos cômicos», disse um pouco impaciente. «Talvez estejas arrependido por ter nos ajudado a vencer a batalha. Antístenes provavelmente fez-te sabedor de não existirem razões suficientes que o justificassem?»

«Conversávamos sobre álgebra», disse Antístenes rapidamente, tossindo de novo. Alcibiades sorriu.

«Não esperava outra coisa. Mas, porque barulhar disso? Bem, na minha opinião, foi apenas valentia. Se quiserem, nada de especial mas, o que um punhado de folhas de loureiro terá de especial? Aperta teus dentes e suporta a coisa pacientemente, meu velho. Passa num instante e não dói. E depois vamos beber.» Curiosamente, olhou para a figura larga e forte, que agora oscilava bastante agitada.

Sócrates reflectiu depressa. Lembrou algo que poderia dizer. Poderia argumentar que ele tinha torcido o pé ontem à noite ou esta manhã. Por exemplo, quando os soldados o baixaram dos ombros. Ou mesmo que fora uma piada dele. O acidente mostrava como era fácil através das honras de seus concidadãos qualquer um poder sair prejudicado. Sem parar de baloiçar-se, inclinou-se para a frente e sentou-se na vertical, esfregou o braço com a mão direita e disse devagar: «A coisa é. Meu pé ...»

Ao proferir essa palavra, o seu olhar, algo incerto, porque agora estava dizendo a primeira verdadeira mentira no assunto, até então limitara-se a ficar calado, procurou Xantipa na porta da cozinha.

Sócrates não conseguiu falar. De repente, passou-lhe a vontade de contar a sua história. Não tinha torcido o seu pé. A rede parou.

«Escuita, Alcibiades», disse ele energeticamente e com uma nova vivacidade na voz, «não se pode falar de valentia neste caso. Mal a batalha começou, isto é, assim que vi os primeiros persas aparecerem, deitei a fugir na direção certa, isto é, para trás. Mas metin-me num campo de cardos. Um espinho cravou-se-me no meu pé e não pude ir mais longe. Desferi então golpes à minha volta como um selvagem e quase bati nos nossos. Desesperado, pus-me a gritar ordens para outras divisões para que os persas acreditassem que havia outras, o que era um absurdo, porque é claro que eles não entendem o grego. Por outro lado, parece que eles também estavam extremamente nervosos. Talvez simplesmente não aguentaram mais a gritaria depois de tudo o que tiveram que suportar durante a ofensiva. Duvidaram por um momento, e então a nossa cavalaria apareceu. Isso é tudo».

Por alguns segundos, fez-se um grande silêncio no quarto. Alcibiades olhou-o fixamente. Antístenes tossiu por trás da sua mão, desta vez com toda a naturalidade. Da porta da cozinha, onde Xantipa estava, ressoou uma sonora gargalhada. Então Antístenes disse secamente: «É claro que não poderias ir ao Areópago e subir as escadas correndo para receber a coroa de loureiro. Entendo-o».

Alcibiades reclinou-se na cadeira e estreitou os olhos observando o filósofo deitado na rede. Nem Sócrates nem Antístenes levantaram os olhos para ele. Inclinou-se para frente novamente e cruzou as mãos ao redor do joelho. O seu rosto magro de rapaz se contraiu um pouco, mas não

revelou nada dos seus pensamentos ou sentimentos. «Porque não disseste que tinhas outra ferida?», Perguntou ele.

«Porque tenho um espinho cravado no pé», retrucou Sócrates bruscamente. «Ah, é por isso?», Disse Alcibíades. «Entendo.» Levantou-se rapidamente e aproximou-se da cama.

«Pena que não trouxe a minha própria coroa comigo. Dei-a a guardar a um dos meus homens. Caso contrário, daria-a agora para ti. Acredita, acho que és suficiente corajoso. Não conheço ninguém que, nestas circunstâncias, teria dito o que vens de nos contar.» E apressou-se sair.

Quando Xantipa lhe lavou os pés e tirou o espinho, disse mal-humorada:

«Poderia ter provocado uma septicemia.» «Polo menos», disse o filósofo.

Unsere Welt

Gruppe I

Der verwundete Sokrates

von

Bertolt Brecht



der kinderbuchverlag • Berlin/Dresden GmbH.

Capa da edição *Sócrates ferido* da editorial Der Kinderbuchverlag (1989), ilustração de Franz Wilhelm Peter Maria Haacken (Aachen, 7 de janeiro de 1911 – Uiterlingerga / Países Baixos, 1 de janeiro de 1979)

DER VERWUNDETE SOKRATES

Georg Kaiser gewidmet

Sokrates, der Sohn der Hebamme, der in seinen Zwiegesprächen so gut und leicht und unter so kräftigen Scherzen seine Freunde wohlgestalter Gedanken entbinden konnte und sie so mit eigenen Kindern versorgte, anstatt wie andere Lehrer ihnen Bastarde aufzuhängen, galt nicht nur als der klügste aller Griechen, sondern auch als einer der tapfersten. Der Ruf der Tapferkeit scheint uns ganz gerechtfertigt, wenn wir beim Platon lesen, wie frisch und unverdrossen er den Schierlingsbecher leerte, den ihm die Obrigkeit für die seinen Mitbürgern geleisteten Dienste am Ende reichen ließ. Einige seiner Bewunderer aber haben es für nötig gehalten, auch noch von seiner Tapferkeit im Felde zu reden. Tatsächlich kämpfte er in der Schlacht bei Delion mit, und zwar bei den leichtbewaffneten Fußtruppen, da er weder seinem Ansehen nach, er war Schuster, noch seinem Einkommen nach, er war Philosoph, zu den vornehmeren und teuren Waffengattungen eingezogen wurde. Jedoch war, wie man sich denken kann, seine Tapferkeit von besonderer Art.

Sokrates hatte sich am Morgen der Schlacht so gut wie möglich auf das blutige Geschäft vorbereitet, indem er Zwiebeln kaute, was nach Ansicht der Soldaten Mut erzeugte. Seine Skepsis auf vielen Gebieten veranlaßte ihn zur Leichtgläubigkeit auf vielen ändern Gebieten; er war gegen die Spekulation und für die praktische Erfahrung, und so glaubte er nicht an die Götter, wohl aber an die Zwiebeln.

Leider verspürte er keine eigentliche Wirkung, jedenfalls keine sofortige, und so trottete er düster in einer Abteilung von Schwertkämpfern, die im Gänsemarsch in ihre Stellung auf irgendeinem Stoppelfeld einrückte. Hinter und vor ihm stolperten Athener Jungens aus den Vorstädten, die ihn darauf aufmerksam machten, daß die Schilde der Athenischen Zeughäuser für dicke Leute wie ihn zu klein geschnitten seien. Er hatte denselben Gedanken gehabt, nur waren es bei ihm *breite* Leute gewesen, die durch die lächerlich schmalen Schilde nicht halbwegs gedeckt wurden. Der Gedankenaustausch zwischen seinem Vorder- und seinem Hintermann über die Profite der großen Waffenschmieden aus zu kleinen Schilden wurde abgebrochen durch das Kommando «Lagern».

Man ließ sich auf den Stoppelboden nieder, und ein Hauptmann wies Sokrates zurecht, weil er versucht hatte, sich auf seinen Schild zu setzen. Mehr als der Anschnauzer selbst beunruhigte ihn die gedämpfte Stimme, mit der er erfolgte. Der Feind schien in der Nähe vermutet zu werden.

Der milchige Morgennebel verhinderte alle Aussicht. Jedoch zeigten die Laute von Tritten und klirrenden Waffen an, daß die Ebene besetzt war.

Sokrates erinnerte sich mit großer Unlust an ein Gespräch, das er am Abend vorher mit einem jungen vornehmen Mann geführt hatte, den er hinter den Kulissen einmal getroffen hatte und der Offizier bei der Reiterei war.

«Ein kapitaler Plan!» hatte der junge Laffe erklärt. «Das Fußvolk steht ganz einfach, treu und bieder aufgestellt da und fängt den Stoß des Feindes auf. Und inzwischen geht die Reiterei in der Niederung vor und kommt ihm in den Rücken.»

Die Niederung mußte ziemlich weit nach rechts, irgendwo im Nebel liegen. Da ging wohl jetzt also die Reiterei vor. Der Plan hatte Sokrates gut geschienen, oder jedenfalls nicht schlecht. Es wurden ja immer Pläne gemacht, besonders wenn man dem Feind unterlegen an Stärke war. In Wirklichkeit wurde dann einfach gekämpft, das heißt zugehauen. Und man ging nicht da vor, wo der Plan es vorschrieb, sondern da, wo der Feind es zuließ. Jetzt, im grauen Morgenlicht, kam der Plan Sokrates ganz und gar miserabel vor. Was hieß das: das Fußvolk fängt den Stoß des Feindes auf? Im allgemeinen war man froh, wenn man einem Stoß ausweichen konnte, und jetzt sollte die Kunst darin bestehen, ihn aufzufangen ! Es war sehr schlimm, daß der Feldherr selber ein Reiter war.

So viele Zwiebeln gab es gar nicht auf dem Markt, als für den einfachen Mann nötig waren.

Und wie unnatürlich war es, so früh am Morgen, statt im Bett zu liegen, hier mitten in einem Feld auf dem nackten Boden zu sitzen, mit mindestens zehn Pfund Eisen auf dem Leib und einem

Schlachtmesser in der Hand! Es war richtig, daß man die Stadt verteidigen mußte, wenn sie angegriffen wurde, da man sonst dort großen Ungelegenheiten ausgesetzt war, aber warum wurde die Stadt angegriffen? Weil die Reeder, Weinbergbesitzer und Sklavenhändler in Kleinasien den persischen Reedern, Weinbergbesitzern und Sklavenhändlern ins Gehege gekommen waren! Ein schöner Grund!

Plötzlich saßen alle wie erstarrt. Von links aus dem Nebel kam ein dumpfes Gebrüll, begleitet von einem metallenen Schallen. Es pflanzte sich ziemlich rasch fort. Der Angriff des Feindes hatte begonnen.

Die Abteilung stand auf. Mit herausgewälzten Augen stierte man in den Nebel vorn. Zehn Schritt zur Seite fiel ein Mann in die Knie und rief lallend die Götter an. Zu spät, schien es Sokrates. Plötzlich, wie eine Antwort, erfolgte ein schreckliches Gebrüll weiter rechts. Der Hilfeschrei schien in einen Todesschrei übergegangen zu sein. Aus dem Nebel sah Sokrates eine kleine Eisenstange geflogen kommen. Ein Wurfspeer!

Und dann tauchten, undeutlich im Dunst, vorn massive Gestalten auf: Die Feinde.

Sokrates, unter dem überwältigenden Eindruck, daß er vielleicht schon zu lange gewartet hatte, wandte sich schwerfällig um und begann zu laufen. Der Brustpanzer und die schweren Beinschienen hinderten ihn beträchtlich. Sie waren viel gefährlicher als Schilde, da man sie nicht wegwerfen konnte.

Keuchend lief der Philosoph über das Stoppelfeld. Alles hing davon ab, ob er genügend Vorsprung gewann. Hoffentlich fingen die braven Jungen hinter ihm den Stoß für eine Zeit auf. Plötzlich durchfuhr ihn ein höllischer Schmerz. Seine linke Sohle brannte, daß er meinte, es überhaupt nicht aushaken zu können. Er ließ sich stöhnend zu Boden sinken, ging aber mit einem neuen Schmerzensschrei wieder hoch. Mit irren Augen blickte er um sich und begriff alles. Er war in ein Dornenfeld geraten!

Es war ein Gewirr niedriger Hecken mit sehr scharfen Dornen. Auch im Fuß mußte ein Dorn stecken. Vorsichtig, mit tränenden Augen, suchte er eine Stelle am Boden, wo er sitzen konnte. Auf dem gesunden Fuß humpelte er ein paar Schritte im Kreise, bevor er sich zum zweitenmal niederließ. Er mußte sofort den Dorn ausziehen. Gespannt horchte er nach dem Schlachtenlärm: Er zog sich nach beiden Seiten ziemlich weit hin, jedoch war er nach vorn mindestens hundert Schritte entfernt. Immerhin schien er sich zu nähern, langsam, aber unverkennbar.

Sokrates konnte die Sandale nicht herunterbekommen. Der Dorn hatte die dünne Ledersohle durchbohrt und stak tief im Fleisch. Wie konnte man den Soldaten, die die Heimat gegen den Feind verteidigen sollten, so dünne Schuhe liefern! Jeder Ruck an der Sandale war von einem brennenden Schmerz gefolgt. Ermattet ließ der Arme die massigen Schultern vorsinken. Was tun? Sein trübes Auge fiel auf das Schwert neben ihm. Ein Gedanke durchzuckte sein Gehirn, willkommener als je einer in einem Streitgespräch. Konnte man das Schwert als ein Messer benutzen? Er griff danach.

In diesem Augenblick hörte er dumpfe Tritte. Ein kleiner Trupp brach durch das Gestrüpp. Den Göttern sei Dank, es waren eigene! Sie blieben einige Sekunden stehen, als sie ihn sahen. «Das ist der Schuster», hörte er sie sagen. Dann gingen sie weiter. Aber links von ihnen kam jetzt auch Lärm. Und dort ertönten Kommandos in einer fremden Sprache. Die Perser! Sokrates versuchte, wieder auf die Beine zu kommen, das heißt auf das rechte Bein. Er stützte sich auf das Schwert, das nur um wenig zu kurz war. Und dann sah er links, in der kleinen Lichtung, einen Knäuel Kämpfender auftauchen. Er hörte Ächzen und das Aufschlagen stumpfen Eisens auf Eisen oder Leder. Verzweifelt hüpfte er auf dem gesunden Fuß rückwärts. Umknickend kam er wieder auf den verwundeten Fuß zu stehen und sank stöhnend zusammen. Als der kämpfende Knäuel, der nicht groß war, es handelte sich vielleicht um zwanzig oder dreißig Mann, sich auf wenige Schritte genähert hatte, saß der Philosoph auf dem Hintern zwischen zwei Dornsträuchern, hilflos dem Feind entgegenblickend.

Es war unmöglich für ihn, sich zu bewegen. Alles war besser, als diesen Schmerz im Fußballen noch ein einziges Mal zu spüren. Er wußte nicht, was machen, und plötzlich fing er an zu brüllen. Genau beschrieben war es so: Er hörte sich brüllen. Er hörte sich aus seinem mächtigen Brustkasten brüllen wie eine Röhre: «Hierher, dritte Abteilung! Gebt ihnen Saures, Kinder!» Und

gleichzeitig sah er sich, wie er das Schwert faßte und es im Kreise um sich schwang, denn vor ihm stand, aus dem Gestrüpp aufgetaucht, ein persischer Soldat mit einem Speiß. Der Speiß flog zur Seite und riß den Mann mit.

Und Sokrates hörte sich zum zweiten Male brüllen und sagen: «Keinen Fußbreit mehr zurück, Kinder! Jetzt haben wir sie, wo wir sie haben wollen, die Hundesöhne! Krapolus, vor mit der sechsten! Nullos, nach rechts! Zu Fetzen zerreiße ich, wer zurückgeht!» Neben sich sah er zu seinem Erstaunen zwei von den eigenen, die ihn entsetzt anlotzten. «Brüllt», sagte er leise, «brüllt, um des Himmels willen!» Der eine ließ die Kinnlade fallen vor Schrecken, aber der andere fing wirklich an zu brüllen, irgendwas. Und der Perser vor ihnen stand mühsam auf und lief ins Gestrüpp. Von der Lichtung her stolpterten ein Dutzend Erschöpfte. Die Perser hatten sich auf das Gebrüll hin zur Flucht gewandt. Sie fürchteten einen Hinterhalt.

«Was ist hier?» fragte einer der Landsleute Sokrates, der immer noch auf dem Boden saß.

«Nichts», sagte dieser. «Steht nicht so herum und glotzt nicht auf mich. Lauft lieber hin und her und gebt Kommandos, damit man drüben nicht merkt, wie wenige wir sind.» «Besser, wir gehen zurück», sagte der Mann zögernd. «Keinen Schritt», protestierte Sokrates. «Seid ihr Hasenfüße?» Und da es für den Soldaten nicht genügt, wenn er Furcht hat, sondern er auch Glück haben muß, hörte man plötzlich von ziemlich weit her, aber ganz deutlich, Pferdegetrappel und wilde Schreie, und sie waren in griechischer Sprache! Jedermann weiß, wie vernichtend die Niederlage der Perser an diesem Tage war. Sie beendete den Krieg. Als Alkibiades an der Spitze der Reiterei an das Dornenfeld kam, sah er, wie eine Rotte von Fußsoldaten einen dicken Mann auf den Schultern trug.

Sein Pferd anhaltend, erkannte er den Sokrates in ihm, und die Soldaten klärten ihn darüber auf, daß er die wankende Schlachtreihe durch seinen unerschütterlichen Widerstand zum Stehen gebracht hatte.

Sie trugen ihn im Triumph bis zum Train. Dort wurde er, trotz seines Protestes, auf einen der Fouragewagen gesetzt, und umgeben von schweißübergossenen, aufgereggt schreienden Soldaten gelangte er nach der Hauptstadt zurück. Man trug ihn auf den Schultern in sein kleines Haus. Xanthippe, seine Frau, kochte ihm eine Bohnensuppe. Vor dem Herd kniend und mit vollen Backen das Feuer anblasend, schaute sie ab und zu nach ihm hin. Er saß noch auf dem Stuhl, in den ihn seine Kameraden gesetzt hatten. «Was ist mit dir passiert?» fragte sie argwöhnisch. «Mit mir?» murmelte er, «nichts.»

«Was ist denn das für ein Gerede von deinen Heldentaten?» wollte sie wissen.

«Übertreibungen», sagte er, «sie riecht ausgezeichnet.» «Wie kann sie riechen, wenn ich das Feuer noch nicht an habe? Du hast dich wieder zum Narren gemacht, wie?» sagte sie zornig. «Morgen kann ich dann wieder das Gelächter haben, wenn ich einen Wecken holen gehe.»

«Ich habe keineswegs einen Narren aus mir gemacht. Ich habe mich geschlagen.» «Warst du betrunken?»

«Nein. Ich habe sie zum Stehen gebracht, als sie zurückwichen.» «Du kannst nicht einmal dich zum Stehen bringen», sagte sie aufstehend, denn das Feuer brannte. «Gib mir das Salzfaß vom Tisch.»

«Ich weiß nicht», sagte er langsam und nachdenklich, «ich weiß nicht, ob ich nicht am allerliebsten überhaupt nichts zu mir nähme. Ich habe mir den Magen ein wenig verdorben.» «Ich sagte dir ja, besoffen bist du. Versuch einmal aufzustehen und durchs Zimmer zu gehen, dann werden wir ja sehen.» Ihre Ungerechtigkeit erbitterte ihn. Aber er wollte unter keinen Umständen aufstehen und ihr zeigen, daß er nicht auftreten konnte. Sie war unheimlich klug, wenn es galt, etwas Ungünstiges über ihn herauszubekommen. Und es war ungünstig, wenn der tiefere Grund seiner Standhaftigkeit in der Schlacht offenbar wurde. Sie hantierte weiter mit dem Kessel auf dem Herd herum, und dazwischen teilte sie ihm mit, was sie sich dachte. «Ich bin überzeugt, deine feinen Freunde haben dir wieder einen Druckposten ganz hinten, bei der Feldküche, verschafft. Da ist ja nichts als Schiebung.»

Er sah gequält durch die Fensterluke auf die Gasse hinaus, wo viele Leute mit weißen Laternen herumzogen, da der Sieg gefeiert wurde.

Seine vornehmen Freunde hatten nichts dergleichen versucht, und er würde es auch nicht

angenommen haben, jedenfalls nicht so ohne weiteres.

«Oder haben sie es ganz in der Ordnung gefunden, daß der Schuster mitmarschiert? Nicht den kleinen Finger rühren sie für dich. Er ist Schuster, sagen sie, und Schuster soll er bleiben. Wie können wir sonst zu ihm in sein Dreckloch kommen und stundenlang mit ihm schwatzen und alle Welt sagen hören: Sieh mal an, ob er Schuster ist oder nicht, diese feinen Leute setzen sich doch zu ihm und reden mit ihm über Philersophie. Dreckiges Pack.» «Es heißt Philerphobie», sagte er gleichmütig. Sie warf ihm einen unfreundlichen Blick zu.

«Belehr mich nicht immer. Ich weiß, daß ich ungebildet bin. Wenn ich es nicht wäre, hättest du niemand, der dir ab und zu ein Schaff Wasser zum Füßewaschen hinstellt.»

Er zuckte zusammen und hoffte, sie hatte es nicht bemerkt. Es durfte heute auf keinen Fall zum Füßewaschen kommen. Den Göttern sei Dank, fuhr sie schon in ihrer Ansprache fort. «Also betrunken warst du nicht und einen Druckposten haben sie dir auch nicht verschafft. Also mußt du dich wie ein Schlächter aufgeführt haben. Blut hast du an deiner Hand, wie? Aber wenn ich eine Spinne zertrete, brüllst du los. Nicht als ob ich glaubte, daß du wirklich deinen Mann gestanden hättest, aber irgend etwas Schlaues, so etwas hintenrum, mußt du doch wohl gemacht haben, damit sie dir so auf die Schulter klopfen. Aber ich bringe es schon noch heraus, verlaß dich drauf.» Die Suppe war jetzt fertig. Sie roch verführerisch. Die Frau nahm den Kessel, stellte ihn, mit ihrem Rock die Henkel anfassend, auf den Tisch und begann ihn auszulöffeln.

Er überlegte, ob er nicht doch noch seinen Appetit wiedergewinnen sollte. Der Gedanke, daß er dann wohl an den Tisch mußte, hielt ihn rechtzeitig ab.

Es war ihm nicht wohl zumute. Er fühlte deutlich, daß die Sache noch nicht vorüber war. Sicher würde es in der nächsten Zeit allerhand Unangenehmes geben. Man entschied nicht eine Schlacht gegen die Perser und blieb ungeschoren. Jetzt, im ersten Siegesjubel, dachte man natürlich nicht an den, der das Verdienst hatte. Man war vollauf beschäftigt, seine eigenen Ruhmestaten herumzuposaunen. Aber morgen oder übermorgen würde jeder sehen, daß sein Kollege allen Ruhm für sich in Anspruch nahm, und dann würde man ihn hervorziehen wollen. Viele konnten zu vielen damit etwas am Zeuge flicken, wenn sie den Schuster als den eigentlichen Haupthelden erklärten. Dem Alkibiades war man sowieso nicht grün. Mit Wonne würde man ihm zurufen: Du hast die Schlacht gewonnen, aber ein Schuster hat sie ausgekämpft.

Und der Dorn schmerzte wilder denn je. Wenn er die Sandale nicht bald ausbekam, konnte es Blutvergiftung werden. «Schmatz nicht so», sagte er geistesabwesend. Der Frau blieb der Löffel im Mund stecken. «Was tue ich?»

«Nichts», beeilte er sich erschrocken zu versichern. «Ich war gerade in Gedanken.»

Sie stand außer sich auf, feuerte den Kessel auf den Herd und lief hinaus.

Er seufzte tief auf vor Erleichterung. Hastig arbeitete er sich aus dem Stuhl hoch und hüpfte, sich scheu umblickend, zu seinem Lager hinter. Als sie wieder hereinkam, um ihren Schal zum Ausgehen zu holen, sah sie mißtrauisch, wie er unbeweglich auf der lederbezogenen Hängematte lag. Einen Augenblick dachte sie, es fehle ihm doch etwas. Sie erwog sogar, ihn danach zu fragen, denn sie war ihm sehr ergeben. Aber sie besann sich eines Besseren und verließ maulend die Stube, sich mit der Nachbarin die Festlichkeiten anzusehen. Sokrates schlief schlecht und unruhig, und erwachte sorgenvoll. Die Sandale hatte er herunter, aber den Dorn hatte er nicht zu fassen bekommen. Der Fuß war stark geschwollen. Seine Frau war heute morgen weniger heftig.

Sie hatte am Abend die ganze Stadt von ihrem Mann reden hören. Es mußte tatsächlich irgend etwas stattgefunden haben, was den Leuten so imponiert hatte. Daß er eine ganze persische Schlachtreihe aufgehalten haben sollte, wollte ihr allerdings nicht in den Kopf. Nicht er, dachte sie. Eine ganze Versammlung aufhalten mit seinen Fragen, ja, das konnte er. Aber nicht eine Schlachtreihe. Was war also vorgegangen?

Sie war so unsicher, daß sie ihm die Ziegenmilch ans Lager brachte.

Er traf keine Anstalten aufzustehen. «Willst du nicht raus?» fragte sie. «Keine Lust», brummte er.

So antwortete man seiner Frau nicht auf eine höfliche Frage, aber sie dachte sich, daß er vielleicht nur vermeiden wollte, sich den Blicken der Leute auszusetzen, und ließ die Antwort

passieren. Früh am Vormittag kamen schon Besucher.

Es waren ein paar junge Leute, Söhne wohlhabender Eltern, sein gewöhnlicher Umgang. Sie behandelten ihn immer als ihren Lehrer, und einige schrieben sogar mit, wenn er zu ihnen sprach, als sei es etwas ganz Besonderes.

Heute berichteten sie ihm sogleich, daß Athen voll von seinem Ruhm sei. Es sei ein historisches Datum für die Philosophie (sie hatte also doch recht gehabt, es hieß Philersophie und nicht anders). Sokrates habe bewiesen, daß der große Betrachtende auch der groß Handelnde sein könne.

Sokrates hörte ihnen ohne die übliche Spottsucht zu. Während sie sprachen, war es ihm, als höre er, noch weit weg, wie man ein fernes Gewitter hören kann, ein ungeheures Gelächter, das Gelächter einer ganzen Stadt, ja eines Landes, weit weg, aber sich nähernd, unaufhaltsam heranziehend, jedermann ansteckend, die Passanten auf den Straßen, die Kaufleute und Politiker auf dem Markt, die Handwerker in ihren kleinen Läden.

«Es ist alles Unsinn, was ihr da redet», sagte er mit einem plötzlichen Entschluß. «Ich habe gar nichts gemacht.»

Lächelnd sahen sie sich an. Dann sagte einer:

«Genau, was wir auch sagten. Wir wußten, daß du es *so* auffassen würdest. Was ist das jetzt für ein Geschrei plötzlich, fragten wir Eusopulos von den Gymnasien. Zehn Jahre hat Sokrates die großen Taten des Geistes verrichtet, und kein Mensch hat sich auch nur nach ihm umgeblickt. Jetzt hat er eine Schlacht gewonnen, und ganz Athen redet von ihm. Seht ihr nicht ein, sagten wir, wie beschämend das ist?» Sokrates stöhnte.

«Aber ich habe sie ja gar nicht gewonnen. Ich habe mich verteidigt, weil ich angegriffen wurde. Mich interessierte diese Schlacht nicht. Ich bin weder ein Waffenhändler, noch habe ich Weinberge in der Umgebung. Ich wüßte nicht, für was ich Schlachten schlagen sollte. Ich steckte unter lauter vernünftigen Leuten aus den Vorstädten, die kein Interesse an Schlachten haben, und ich tat genau, was sie alle auch taten, höchstens einige Augenblicke vor ihnen.» Sie waren wie erschlagen.

«Nicht wahr», riefen sie, «das haben wir auch gesagt. Er hat nichts getan als sich verteidigt. Das ist seine Art, Schlachten zu gewinnen. Erlaube, daß wir in die Gymnasien zurückeilen. Wir haben ein Gespräch über dieses Thema nur unterbrochen, um dir guten Tag zu sagen.»

Und sie gingen, wollüstig in Gespräch vertieft. Sokrates lag schweigend, auf die Ellbogen gestützt, und sah nach der rußgeschwärzten Decke. Er hatte recht gehabt mit seinen finsternen Ahnungen.

Seine Frau beobachtete ihn von der Ecke des Zimmers aus. Sie flickte mechanisch an einem alten Rock herum. Plötzlich sagte sie leise: «Also was steckt dahinter?» Er fuhr zusammen. Unsicher schaute er sie an. Sie war ein abgearbeitetes Wesen, mit einer Brust wie ein Brett und traurigen Augen. Er wußte, daß er sich auf sie verlassen konnte. Sie würde ihm noch die Stange halten, wenn seine Schüler schon sagen würden: Sokrates? Ist das nicht dieser üble Schuster, der die Götter leugnet? Sie hatte es schlecht mit ihm getroffen, aber sie beklagte sich nicht, außer zu ihm hin. Und es hatte noch keinen Abend gegeben, wo nicht ein Brot und ein Stück Speck für ihn auf dem Sims gestanden hatte, wenn er hungrig heimgekommen war von seinen wohlhabenden Schülern.

Er fragte sich, ob er ihr alles sagen sollte. Aber dann dachte er daran, daß er in der nächsten Zeit in ihrer Gegenwart eine ganze Menge Unwahres und Heuchlerisches würde sagen müssen, wenn Leute kamen wie eben jetzt und von seinen Heldentaten redeten, und das konnte er nicht, wenn sie die Wahrheit wußte, denn er achtete sie.

So ließ er es sein und sagte nur: «Die kalte Bohnensuppe von gestern abend stinkt wieder die ganze Stube aus.» Sie schickte ihm nur einen neuen mißtrauischen Blick zu. Natürlich waren sie nicht in der Lage, Essen wegzuschütten. Er suchte nur etwas, was sie ablenken konnte. In ihr wuchs die Überzeugung, daß etwas mit ihm los war. Warum stand er nicht auf? Er stand immer spät auf, aber nur, weil er immer spät zu Bett ging. Gestern war es sehr früh gewesen. Und heute war die ganze Stadt auf den Beinen, der Siegesfeiern wegen. In der Gasse waren alle Läden geschlossen.

Ein Teil der Reiterei war früh fünf Uhr von der Verfolgung des Feindes zurückgekommen, man hatte das Pferdegetrappel gehört. Menschenaufläufe waren eine Leidenschaft von ihm. Er lief an solchen Tagen von früh bis spät herum und knüpfte Gespräche an. Warum stand er also nicht auf? Ehe Tür verdunkelte sich, und herein kamen vier Magistratspersonen. Sie blieben mitten in der Stube stehen, und einer sagte in geschäftsmäßigem, aber überaus höflichem Ton, er habe den Auftrag, Sokrates in den Areopag zu bringen. Der Feldherr Alkibiades selber habe den Antrag gestellt, es solle ihm für seine kriegerischen Leistungen eine Ehrung bereitet werden.

Ein Gemurmel von der Gasse her zeigte an, daß sich die Nachbarn vor dem Haus versammelten.

Sokrates fühlte, wie ihm der Schweiß ausbrach. Er wußte, daß er jetzt aufstehen und, wenn er schon mitzugehen ablehnte, doch wenigstens stehend etwas Höfliches sagen und die Leute zur Tür geleiten mußte. Und er wußte, daß er nicht weiter kommen würde als höchstens zwei Schritte weit. Dann würden sie nach seinem Fuß schauen und Bescheid wissen. Und das große Gelächter würde seinen Anfang nehmen, hier und jetzt.

Er ließ sich also, anstatt aufzustehen, auf sein hartes Polster zurücksinken und sagte mißmutig:

«Ich brauche keine Ehrung. Sagt dem Areopag, daß ich mich mit einigen Freunden für elf Uhr verabredet habe, um eine philosophische Frage, die uns interessiert, durchzusprechen, und also zu meinem Bedauern nicht kommen kann. Ich eigne mich durchaus nicht für öffentliche Veranstaltungen und bin viel zu müde.» Das letztere fügte er hinzu, weil es ihn ärgerte, daß er die Philosophie hereingezogen hatte, und das erstere sagte er, weil er sie mit Grobheit am leichtesten loszuwerden hoffte.

Die Magistratspersonen verstanden denn auch diese Sprache. Sie drehten sich auf den Hacken um und gingen weg, dem Volk, das draußen stand, auf die Füße tretend.

«Dir werden sie die Höflichkeit zu Amtspersonen noch beibringen», sagte seine Frau verärgert und ging in die Küche. Sokrates wartete, bis sie draußen war, dann drehte er seinen schweren Körper schnell im Bett herum, setzte sich, nach der Tür schielend, auf die Bettkante und versuchte mit unendlicher Vorsicht, mit dem kranken Fuß aufzutreten. Es schien aussichtslos. Schweißüberströmt legte er sich zurück.

Eine halbe Stunde verging. Er nahm ein Buch vor und las. Wenn er den Fuß ruhig hielt, merkte er fast nichts. Dann kam sein Freund Antisthenes.

Er zog seinen dicken Überrock nicht aus, blieb am Fußende des Lager stehen, hustete etwas krampfhaft und kratzte sich seinen struppigen Bart am Hals, auf Sokrates schauend. «Liegst du noch? Ich dachte, ich treffe nur Xanthippe. Ich bin eigens aufgestanden, um mich nach dir zu erkundigen. Ich war stark erkältet und konnte darum gestern nicht dabei sein.» «Setz dich», sagte Sokrates einsilbig.

Antisthenes holte sich einen Stuhl aus der Ecke und setzte sich zu seinem Freund.

«Ich beginne heute abend wieder mit dem Unterricht. Kein Grund, länger auszusetzen.»
«Nein.»

«Ich fragte mich natürlich, ob sie kommen würden. Heute sind die großen Essen. Aber auf dem Weg hierher begegnete ich dem jungen Pheston, und als ich ihm sagte, daß ich abends Algebra gebe, war er einfach begeistert. Ich sagte, er könne mi Helm kommen. Der Protagoras und die ändern werden vor Ärger hochgehen, wenn es heißt: Bei dem Antisthenes haben sie am Abend nach der Schlacht weiter Algebra studiert.»

Sokrates schaukelte sich ganz leicht in seiner Hängematte, indem er sich mit der flachen Hand an der etwas schiefen Wand abstieß. Mit seinen herausstehenden Augen sah er forschend auf den Freund.

«Hast du sonst noch jemand getroffen?» «Menge Leute.»

Sokrates sah schlecht gelaunt nach der Decke. Sollte er dem Antisthenes reinen Wein einschenken? Er war seiner ziemlich sicher. Er selber nahm nie Geld für Unterricht und war also keine Konkurrenz für Antisthenes. Vielleicht sollte er ihm wirklich den schwierigen Fall unterbreiten.

Antisthenes sah mit seinen funkelnden Grillenaugen neugierig den Freund an und berichtete:

«Der Gorgias geht herum und erzählt allen Leuten, du müßtest davongelaufen sein und in der Verwirrung die falsche Richtung, nämlich nach vorn, eingeschlagen haben. Ein para von den besseren jungen Leuten wollen ihn schon deswegen verprügeln. Sokrates sah ihn unangenehm überrascht an. «Unsinn», sagte er verärgert. Es war ihm plötzlich klar, was seine Gegner gegen ihn in der Hand hatten, wenn er Farbe bekannte. Er hatte nachts, gegen Morgen zu, gedacht, er könne vielleicht die ganze Sache als ein Experiment drehen und sagen, er habe sehen wollen, wie groß die Leichtgläubigkeit aller sei. «Zwanzig Jahre habe ich auf allen Gassen Pazifismus gelehrt, und ein Gerücht genügte, daß mich meine eigenen Schüler für einen Berserker hielten» usw. usw. Aber da hätte die Schlacht nicht gewonnen werden dürfen. Offenkundig war jetzt eine schlechte Zeit für Pazifismus. Nach einer Niederlage waren sogar die Oberen eine Zeitlang Pazifisten, nach einem Sieg sogar die Unteren Kriegsanhänger, wenigstens eine Zeitlang, bis sie merkten, daß für sie Sieg und Niederlage nicht so verschieden waren. Nein, mit Pazifismus konnte er jetzt nicht Staat machen.

Von der Gasse kam Pferdegetrappel. Reiter hielten vor dem Haus, und herein trat, mit seinem beschwingten Schritt, Alkibiades. «Guten Morgen, Antisthenes, wie geht das Philosophiegeschäft? Sie sind außer sich», rief er strahlend. «Sie toben auf dem Areopag über deine Antwort, Sokrates. Um einen Witz zu machen, habe ich meinen Antrag, dir den Lorbeerkrantz zu verleihen, abgeändert in den Antrag, dir fünfzig Stockschläge zu verleihen. Das hat sie natürlich verschnupft, weil es genau ihrer Stimmung entsprach. Aber du mußt doch mitkommen. Wir werden zu zweit hingehen, zu Fuß.»

Sokrates seufzte. Er stand sich sehr gut mit dem jungen Alkibiades. Sie hatten oftmals miteinander getrunken. Es war freundlich von ihm, ihn aufzusuchen. Es war sicher nicht nur der Wunsch, den Areopag vor den Kopf zu stoßen. Und auch dieser letztere Wunsch war ehrenvoll und mußte unterstützt werden.

Bedächtig sagte er endlich, sich weiterschaukelnd in seiner Hängematte: «Eile heißt der Wind, der das Baugerüst umwirft. Setz dich.»

Alkibiades lachte und zog einen Stuhl heran. Bevor er sich setzte, verbeugte er sich höflich vor Xanthippe, die in der Küchentür stand, sich die nassen Hände am Rock abwischend.

«Ihr Philosophen seid komische Leute», sagte er ein wenig ungeduldig. «Vielleicht tut es dir schon wieder leid, daß du uns hast die Schlacht gewinnen helfen. Antisthenes hat dich wohl darauf aufmerksam gemacht, daß nicht genügend viele Gründe dafür vorlagen?»

«Wir haben von Algebra gesprochen», sagte Antisthenes schnell und hustete wieder. Alkibiades grinste.

«Ich habe nichts anderes erwartet. Nur kein Aufheben machen von so was, nicht? Nun, meiner Meinung nach war es einfach Tapferkeit. Wenn ihr wollt, nichts Besonderes, aber was sollen eine Handvoll Lorbeerblätter Besonderes sein? Beiß die Zähne zusammen und laß es über dich ergehen, Alter. Es ist schnell herum und schmerzt nicht. Und dann gehen wir einen heben.» Neugierig blickte er auf die breite, kräftige Figur, die jetzt ziemlich stark ins Schaukeln geraten war.

Sokrates überlegte schnell. Es war ihm etwas eingefallen, was er sagen konnte. Er konnte sagen, daß er sich gestern nacht oder heute morgen den Fuß verstaucht hatte. Zum Beispiel, als ihn die Soldaten von ihren Schultern heruntergelassen hatten. Da war sogar eine Pointe drin. Der Fall zeigte, wie leicht man durch die Ehrungen seiner Mitbürger zu Schaden kommen konnte. Ohne aufzuhören, sich zu wiegen, beugte er sich nach vorn, so daß er aufrecht saß, rieb sich mit der rechten Hand dennackten Arm und sagte langsam: «Die Sache ist so. Mein Fuß ...»

Bei diesem Wort fiel sein Blick, der nicht ganz stetig war, denn jetzt hieß er, die erste wirkliche Lüge in dieser Angelegenheit auszusprechen, bisher hatte er nur geschwiegen, auf Xanthippe in der Küchentür.

Sokrates versagte die Sprache. Er hatte plötzlich keine Lust mehr, seine Geschichte vorzubringen. Sein Fuß war nicht verstaucht. Die Hängematte kam zum Stillstand.

«Höre, Alkibiades», sagte er energisch und mit ganz frischer Stimme, «es kann in diesem Falle nicht von Tapferkeit geredet werden. Ich bin sofort, als die Schlacht begann, das heißt, als ich

die ersten Perser auftauchen sah, davongelaufen, und zwar in der richtigen Richtung, nach hinten. Aber da war ein Distelfeld. Ich habe mir einen Dorn in den Fuß getreten und konnte nicht weiter. Ich habe dann wie ein Wilder um mich gehauen und hätte beinahe einige von den Eigenen getroffen. In der Verzweiflung schrie ich irgendwas von anderen Abteilungen, damit die Perser glauben sollten, da seien welche, was Unsinn war, denn sie verstehen natürlich nicht Griechisch. Andererseits scheinen sie aber ebenfalls ziemlich nervös gewesen zu sein. Sie konnten wohl das Gebrüll einfach nicht mehr ertragen, nach allem, was sie bei dem Vormarsch hatten durchmachen müssen. Sie stockten einen Augenblick, und dann kam schon unsere Reiterei. Das ist alles.»

Einige Sekunden war es sehr still in der Stube. Alkibiades sah ihn starr an. Antisthenes hustete hinter der vorgehaltenen Hand, diesmal ganz natürlich. Von der Küchentür her, wo Xanthippe stand, kam ein schallendes Gelächter. Dann sagte Antisthenes trocken: «Und da konntest du natürlich nicht in den Areopag gehen und die Treppen hinaufhinken, um den Lorbeerkrantz in Empfang zu nehmen. Das verstehe ich.»

Alkibiades legte sich in seinem Stuhl zurück und betrachtete mit zusammengekniffenen Augen den Philosophen auf dem Lager. Weder Sokrates noch Antisthenes sahen nach ihm hin. Er beugte sich wieder vor und umschlang mit den Händen sein eines Knie. Sein schmales Knabengesicht zuckte ein wenig, aber es verriet nichts von seinen Gedanken oder Gefühlen. «Warum hast du nicht gesagt, du hast irgendeine andere Wunde?» fragte er.

«Weil ich einen Dorn im Fuß habe», sagte Sokrates grob. «Oh, deshalb?» sagte Alkibiades. «Ich verstehe.» Er stand schnell auf und trat an das Bett.

«Schade, daß ich meinen eigenen Kranz nicht mit hergebracht habe. Ich habe ihn meinem Mann zum Halten gegeben. Sonst würde ich ihn jetzt dir dalassen. Du kannst mir glauben, daß ich dich für tapfer genug halte. Ich kenne niemand, der unter diesen Umständen erzählt hätte, was du erzählt hast.» Und er ging rasch hinaus.

Als dann Xanthippe den Fuß badete und den Dorn auszog, sagte sie übellaunig:
«Es hätte eine Blutvergiftung werden können.» «Mindestens», sagte der Philosoph.



Sócrates, escultura de 1885 de Leonidas Drosis (Náuplia, algum ano entre 1834 e 1843 - Nápoles, 1882)
na Academia Perivolos de Atenas